

Ir. Basilio Rueda Guzmán
HOMEM DE DEUS

Caderno 1

A GRAÇA, DEUS, JESUS, O ESPÍRITO

IR. GIOVANNI BIGOTTO

TERMO DE APRESENTAÇÃO

CADERNOS?

Poretto que se optou por cadernos? O conjunto dos trabalhos poderia redundar num livro de 500 páginas. Os cadernos possibilitam uma leitura mais fácil e direcionada a temas de interesse pessoal.

DUAS GRANDES PARTES

Os cadernos exploram dois filões:

Basílio, o homem de Deus, ou o primeiro mandamento: Cadernos 1 a 5 e 8.

Basílio, o homem para o homem, ou o segundo mandamento: Cadernos 6 e 7.

Ambos os mandamentos se interligam, sem dicotomia.

TÍTULOS DOS CADERNOS

Caderno 1: A graça, Deus, Jesus, o Espírito Santo – 48 páginas.

Caderno 2: A Virgem Maria, Marcelino Champagnat, a Igreja – 48 páginas

Caderno 3: O universo da oração – 56 páginas.

Caderno 4: O amor e a sabedoria – 44 páginas.

Caderno 5: A pobreza, o celibato, a obediência, um santo? – 64 páginas.

Caderno 6: A inteligência e o trabalho – 48 páginas.

Caderno 7: O líder e o irmão, que homem? Que santo? – 72 páginas.

Caderno 8: A Palavra de Deus – 48 páginas, conferência de Basílio.

ESTRUTURA DE UM CAPÍTULO

Cada capítulo apresenta duas partes. As primeiras páginas formam uma parte demonstrativa. A segunda parte oferece textos de Basílio. A primeira é mais técnica e acolhe muitos testemunhos. A segunda permite o contato direto com Basílio: sua palavra, seu pensamento nos ligam à pessoa, seu afeto, sua inteligência, sua experiência. Seus textos nos enchem o coração de admiração, de oração, de conversão, digamos de Deus e do homem. Por isso a leitura da segunda parte de um capítulo é mais importante que a primeira para o progresso espiritual.

RESTA MUITO A FAZER

Mesmo se o conjunto é volumoso, resta ainda muito a descobrir: as cartas, os relatórios das visitas às Províncias, as decisões do Conselho Geral, as conferências foram apenas afluídas. Temas, como a fé e a esperança, merecem formar novos cadernos... E todos os temas tocados podem ainda ser aumentados abundantemente.

UM HOMEM DE QUEM PODEMOS NOS ORGULHAR

A leitura vale a pena. Ela nos leva a um crescimento pessoal. Basílio estava adiantado sobre o seu tempo; hoje é mais atual que nunca.

Ir. Giovanni Maria Bigotto

Um agradecimento especial aos Irs. Alain Delorme e Louis Richard por terem relido e aperfeiçoado o texto.

1

UM ANTEGOSTO

Basílio é, primeiramente, homem de Deus, seduzido por Deus. Como Marcelino, ele é arrebatado pelo amor gratuito que Deus lhe tem. No testemunho que deixou na revista espanhola *Religiosos de hoy*, em que conta a graça que tivera, ele dizia: “Não há dúvida de que o papel principal cabe a Deus... Produziu-se uma mudança completa na minha vida: as atividades e o entusiasmo por tudo o que me havia arrebatado até então mudaram de rumo... Meu centro de interesse deslocou-se para a vida de oração, e não me era difícil consagrar horas inteiras à oração pessoal. A Eucaristia diária tornou-se-me uma necessidade”. À revista J.M.V. ele confidenciou: “Na escuta atenta da palavra de Deus se trava um diálogo de intimidade que faz nascer o desejo veemente de proclamar, pela vida, que Deus é a plenitude do amor... Nasce uma exigência de busca apaixonada da vontade de Deus numa comunhão eclesial generosa... Quando uma vez se empenhou sua existência no terreno do amor, não há mais marcha à ré... Quem conheceu a fascinação do amor de Deus sabe que não se pertence mais. A alma, de fato, não pede, ela se dá...”¹ Na Circular sobre a Obediência, ele tem esta afirmação surpreendente: “Todos trazemos em nós um profundo mistério: é que Jesus é eu e eu sou Jesus”² Somente os que vivem isso é que podem dizê-lo.

Dessa Circular pedimos emprestado outro texto central e revelador: “A essência, o coração, o tudo do cristianismo é o amor; amor que brota um pouco no Antigo Testamento, mas que ressoa em plenitude em Jesus Cristo. Esse amor do Pai vai culminar numa aliança total – aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo – para fazer-nos entrar no coração do amor. Todas as virtudes cristãs devem, pois, ser consideradas como amor e a partir do amor”³.

Esses textos esclarecem o fundo do coração de Basílio e nos revelam a força motriz de sua vida apostólica: necessidade de se doar sem limites, mesmo que a

¹ Cf. J. M. Vigil, *Religiosos de hoy*, Instituto Teológico de Vida Religiosa, Madri, 1980, p. 151-155, ou *Quemar la Vida*, p. 22 ou AFM 6546 51.09.

² Circ. *A Obediência*, p. 37.

³ Circ. *A Obediência*, pp. 24-25.

vela se consuma pelas duas pontas. Então compreendemos por que, após suas noitadas de trabalho, ele chega nos primeiros clarões da aurora e se retira à capela para uma hora de adoração. Então compreendemos também por que, quando em 1985, lhe concedem um ano sabático, ele vai consagrar um mês de retiro para rezar conforme a espiritualidade do Carmelo, depois outro tempo para fazer os 30 dias de Santo Inácio, seguidos de curso sobre a Lectio Divina e, enfim, uma viagem à Terra Santa. É essa paixão por Deus que explica o grande número de retiros que deu por toda a parte no Instituto sobre a Oração, suas Circulares sobre *a Oração, sobre a criatividade na oração da comunidade*, sua *Meditação em voz alta* diante dos Irmãos Provinciais, sua Circular sobre *a Oração*. Sabia que fogo ardia nele e queria que todos os Irmãos fossem abrasados por esse fogo.

É esse amor que forjou nele o apóstolo: um homem que se doou sem limites, semeando entusiasmo por toda a parte entre os Irmãos e entre seus colaboradores na Família Marista, nos ex-alunos, no meio dos jovens noviços que o rodeavam e estimulavam; no meio dos Superiores Maiores que nele encontravam luz, coragem e paz. Basílio era otimista por natureza, mas era-o muito mais por sua experiência de Deus que mantinha sempre acesa em seu coração a flama da esperança e da confiança. A mensagem que deixa aos Irmãos Capitulares de 1993 é verdadeiro grito de esperança: “Não desanimem, tenham muita confiança...”.⁴ A um Irmão do Equador que lhe pergunta “Que conselho de renovação o senhor daria aos Irmãos preocupados com o apostolado marista?”, ele responde: “A vida de apostolado sem vida interior acima da média pode converter-se em ativismo puramente humano”.

Eis em que Basílio queria que nossa vida marista se fixasse antes de tudo: em Deus. A última mensagem que envia a seus amigos mais íntimos, a alguns dias da sua morte, segue esta lógica: “Ponho tudo nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai e nelas sinto-me em paz profunda, na ação de graças e no louvor total. Sei que não há mãos melhores que as de Deus e é nelas que me coloquei”.⁵

O verdadeiro Basílio não se entende senão na fé, nessa amizade e intimidade com Deus que ele teve por graça e por ascetismo bem pessoal. Nessa fé e nessa amizade

⁴ *Basílio, outro Champagnat*, p. 59.

⁵ *Quemar la Vida*, p. 307.

sempre se esforçou por introduzir os Irmãos, vindo aí a verdadeira resposta aos problemas destes tempos atormentados do mundo, da Igreja e da Congregação. Facilmente pensamos no Concílio, menos facilmente lembramos 1968: a revolta dos jovens, o mundo político desestabilizado, as Universidades ocupadas, a revolução cultural na China, tão bem flertada pela juventude ocidental, o surgimento da Teologia da Morte de Deus e da Liberação com sacerdotes empunhando o fuzil e o maqui... e o poderio americano humilhado no Vietnã. Era um mundo em ebulição e um mundo de trevas, mas sobre o qual a fé anunciava a Basílio a aurora.⁶ Levava realmente no coração a expectativa da aurora e repetia muitas vezes: “É preciso ajudar a aurora a nascer!”.

Grande número de atitudes de Basílio só se explicam por esse amor que brota na fé e a consolida. *É a fé* que o leva a aconselhar aos Irmãos que, de repente, descobrem que a Vida Religiosa é bem mais do que aquilo que viveram, de apoiar-se em Deus, único capaz de operar toda a sorte de primaveras. *É a fé* que o leva a sugerir, como primeiro meio de renovação séria, que se procure encontrar um bom diretor espiritual.⁷ *É a fé* que o leva a dizer que o Irmão que se abstém regularmente da oração é melhor que mude de vida, assim como aquele que não consegue guardar a virgindade. *É a fé* que o leva a descobrir que, em certas Províncias, o verdadeiro problema dominante é a fraqueza da oração e, portanto, insiste nesse ponto a tempo e a contra tempo, dando conselhos práticos sugeridos pela experiência e o bom senso que a fé proporciona. *É a fé* que o leva a dizer que, num mundo que se seculariza cada vez mais, a única maneira de resistir é tornar-se um fermento mais forte, tornar-se mais Igreja e não perder seu fermento e deixar-se mundanizar.⁸ Refletindo sobre o caso de Angola, quando o país estava em séria fase marxista, e desejando uma formação marista séria, ele aponta desde as primeiras linhas, num plano que contém 10 páginas de objetivos: uma forte formação religiosa: FÉ e ORAÇÃO.⁹ Essas duas palavras nós as encontramos em letras maiúsculas; isso traduz bem o pensamento de Basílio. Quanto maiores os desafios, mais fortes devem ser a fé e a oração. Aos Irmãos da Província Norte (Espanha), disse: “Irmãos,... atentai

⁶ “*Ajudar a aurora a nascer*” era uma das expressões favoritas de Basílio: ela expressa sua consciência de estar num mundo em mudança e sua esperança na ação de Deus. (Expressão colhida em Lubac).

⁷ *Llamamentos a la renovación*, setembro de 1972, p. 22, Prov. Norte, Espanha.

⁸ *Ibid.*, p. 25.

⁹ As duas palavras maiuscularizadas estão no original.

que o fundamento teológico de nossa justificação e de nossa vida cristã não são os esforços gigantesco que alguém pode fazer para tornar-se bom, santo, para amar a Deus, para responder a Deus. Tudo isso seria prometício. Como no-lo diz o caso de Santo Agostinho: *quantas vezes ele tentou levantar-se para Deus, mas o peso de sua carne mostrou-lhe que todos os seus esforços eram inúteis; foi somente quando ele caiu de joelhos diante da salvação misericordiosa do Senhor que Agostinho foi elevado até Deus e chegou a realizar o que desejava*. O fundamento de nossa fé não é o fato de sermos bons, mas porque Deus é bom; não é o fato de amarmos, mas porque somos amados por amor eficaz e infalível. Nesse sentido podemos acreditar no Glória: “Paz aos homens por Ele amados!”.¹⁰ Os arquivos mostram que Basílio teve uma correspondência muito densa e amigável com os Irmãos de Angola e de Moçambique: dois países que passavam pela provação do marxismo, pela guerra civil e por grande penúria de meios de subsistência. É como se seu coração de pai lhe dissesse que aqueles Irmãos tinham mais necessidade de atenção e presença. Ele teria desejado visitá-los após seu segundo mandato; escolhera esses dois países porque queria ser missionário e, sobretudo, porque a situação lá era muito difícil.¹¹

Muitas páginas de Basílio sobre a Oração, sobre a Obediência, são luminosas e revelam sua familiaridade com Deus. Algumas são propostas no final desta reflexão: o contato direto com o homem de Deus convence mais fortemente. Elas são confirmadas por testemunhos de sacerdotes e de Irmãos que tiveram a sorte de viver com Basílio. Para não desvalorizar esses depoimentos, alguns são dados por inteiro na conclusão do capítulo. Mas é certo que a oração é o tema que mais abordou nas conferências e nos retiros que pregou, e estes foram muito numerosos: havia se reservado, sobretudo, como Superior-Geral, a animação da Congregação. O Ir. José Manuel Gómez Ramírez, que foi Provincial da Colômbia,¹² ficou marcado pelo retiro sobre a oração, que Basílio pregou na Província; e ele próprio foi enviado pelo Irmão Basílio a Troussures, para aprender a rezar com o Padre Caffarel. Muitos Irmãos podem testemunhar também por terem estado em Troussures ou em Spello onde Carlo Carreto organizava retiros, ou em Loppiano, nos Focolares. O objetivo era sempre o mesmo: mergulhar os Irmãos na intimidade com Deus, oxigená-los espiritualmente.

¹⁰ *Llamamientos a la renovación*, setembro de 1972, pp. 7-8, Prov. Norte, Espanha.

¹¹ Carta gravada enviada ao Ir. Spiridion, agosto de 1994.

¹² Testemunho de 5 de setembro de 2002.

A enquete feita entre os 600 Irmãos da Província Norte, em 1972, deu os seguintes resultados quanto à direção espiritual: 83% acham que é essencial e 17%, não. Mas à pergunta se a praticam, as respostas são invertidas: 18% seguem a direção espiritual; 82%, não. E Basílio a concluir: “Espécie de imbecis,¹³ se vocês estão convencidos de que a direção espiritual é importante e essencial, por que então os percentuais se invertem? Salvo exceções, a direção espiritual é realmente necessária, extremamente proveitosa... Termino contando-lhes esta experiência. Não me digam que não se pode garantir a direção espiritual. Duvido que um de vocês tenha vida mais movimentada que a minha. Antes de ser Superior-Geral, eu já havia trabalhado em 10 países e, depois do Escolasticado, nunca deixei de ter a direção espiritual, com o mesmo diretor, por 25 anos. E, se hoje posso deixá-la, numa vida totalmente tomada pelo trabalho em proporções desarrazoadas, posso dizer-lhes que esse homem realmente me ajudou a prever e a me formar durante 25 anos. E, então, eu lhes digo: se realmente quiserem levar a sério seu crescimento no Cristo, escolham um homem que tenha andado nos caminhos de Cristo, que entende muito a respeito do Cristo e que esteja disposto a ajudá-los a encontrar progressivamente o Cristo em suas vidas”.¹⁴

No percurso para melhor conhecer Basílio como homem de Deus, vamos nos deter na experiência que tudo mudou nele, depois na natureza das relações que ele viveu com Deus, com Jesus, com o Espírito Santo. Como Irmãos Maristas, descobriremos o olhar penetrante e afetuoso que ele tinha para com a Santíssima Virgem Maria e o Fundador. Um grande espaço será reservado a Basílio, o homem da oração. Esta abrirá as portas do amor e da sabedoria

¹³ Em espanhol e na boca de Basílio, essa expressão revela familiaridade: o que se pode dizer entre amigos.

¹⁴ *Llamamiento a la renovación*, op, cit., p. 39.

próprias de todo familiar de Deus (Basílio diria de todo profeta). A visão que tinha da Vida Consagrada e dos votos enriquecerá nossa compreensão da pobreza, da castidade e da obediência e fará surgir em nós mais entusiasmo para vivermos nosso próprio dom ao Senhor.

O conjunto do trabalho é ordenado em função da vivência do primeiro e segundo mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... e o teu próximo como a ti mesmo!”.

O primeiro mandamento inspira a primeira parte; o segundo, a segunda parte. Mas são dois amores que sempre vão juntos. Teremos freqüentemente ocasião de escutar Basílio a no-lo relembrar. Nossa conclusão será: Basílio encontrou Deus que se revela a ele como Amor; ficou abrasado disso e deixou Deus ser na sua vida um longo serviço de amor.

UMA EXPERIÊNCIA QUE MUDA TUDO

Estas poucas páginas de introdução traçam o percurso de uma vida polarizada em Deus. Mas em cada vida de santo há como que uma volta decisiva, um ponto de conversão profunda e durável. Sigamos simplesmente Basílio num relato seu em longo artigo de 19 páginas à revista espanhola *Religiosos de hoy*, Madri, 1980. Esse artigo oferecerá as citações destas páginas:

2.1. Uma vida promissora, mas não orientada

Na evocação que faz de sua vocação, no momento em que é Superior-Geral, remontando às origens, ele se reconhece um jovem mais interessado pela vida que por Deus: “Eu era jovem e vivia minha juventude com euforia cheia de vida, com dinamismo transbordante, sem predileção particular nem para a piedade, nem para os estudos, nem para o trabalho”. É claro que todos os caminhos continuam abertos com suas diferentes possibilidades. Ele era, no elã de sua juventude, atraído por tudo o que era nobre. Mas também acrescenta: “Tratava-se de elementos sadios, embora totalmente limitados ao que é humano”. As leituras de então situavam-se também nesse nível: Dumas, Júlio Verne, romances de amor ou de gênero policial. Mas já nessa época ele nota em si duas tendências: “Grande atração do coração por tudo o que era nobre e altruísta, e uma inclinação para ocupar-me das pessoas em dificuldades”. Levava consigo um grande ideal, mas ainda muito vago, que lhe dava aversão à mediocridade e o atraía para causas elevadas. Sonhava tornar-se um notável intelectual ou dedicar-se a uma grande causa, sem que o elemento religioso fosse a motivação. Não gostava de longas orações em família, mas acolhia de bom grado a devoção a Maria Santíssima e rezava espontaneamente o terço. Tinha profunda estima a seus educadores, os Irmãos Maristas: eram educadores autênticos que viviam verdadeiro espírito de família, numa profunda devoção à Virgem Maria. Mas não tinha nenhuma idéia de abraçar a sua vida. E conclui

essa fase dizendo: “Sem dúvida, a semente da oração já estava plantada no coração, aguardando a hora propícia para germinar’.

Seus educadores, os Irmãos Maristas, não lhe fizeram nenhuma proposta vocacional.

2.2. A reviravolta da graça

Mas eis que Basílio vai viver um momento de graça muito forte, um pouco semelhante ao de Paulo no caminho de Damasco ou à noite de fogo de Pascal. Os místicos conhecem esses momentos em que tudo se decide em favor de Deus. Basílio reconhece de bom grado que o papel principal cabe a Deus e que, dora em diante, tudo vai orientá-lo cada vez mais clara e fortemente para a doação de si, ou melhor, a “seguir o Cristo e viver vida de amizade com Ele, o mais próximo possível do Evangelho”.

“Mas Deus sabe chegar ao coração quando lhe apraz. Foi o que me aconteceu: de repente tive em mim uma iluminação inexplicável... Era o sentimento de que me era possível viver uma vida totalmente orientada para um ideal que eu teria de partilhar com esse grupo humano que eu estimava muito e que via firme e coerente. Foram-me suficientes dois ou três minutos de reflexão, e a decisão foi irrevogável. Devo confessar que o impulso interior era intenso e a força de atração muito forte, sem que eu perdesse a serenidade nem o equilíbrio mais perfeito. A emoção não diminuiu em nada a clarividência de meu espírito crítico. A força de Deus, em absoluto, não me alienou; pelo contrário, ela me sustentou para me ajudar a ser o que Deus havia projetado para mim nos seus desígnios insondáveis”.

A mudança vai operar-se na vida: “As atividades e o entusiasmo anteriores mudam de direção. O centro se deslocou para uma vida de piedade, e não me era difícil consagrar horas inteiras à oração pessoal; a eucaristia cotidiana tornou-se-me uma necessidade”.

Na família, o pai tentou dissuadi-lo, e outras pessoas lhe propuseram maneiras diferentes de se doar a Deus. Mas tudo ruía contra a luz interior que nele criava certeza. Dificuldades não lhe faltarão durante a vida, sobretudo como Superior-

Geral, mas Basílio reconhece que Deus sempre lhe conservou essa luz interior sem que sobreviesse a mínima dúvida.

É essa iluminação interior que vai fazer a unidade de sua vida. Terá ele encontrado, na Universidade, professores muito críticos em relação a toda verdade religiosa, em relação a Deus, a Cristo e à Igreja? Para Basílio isso fica no nível puramente intelectual. A Igreja, após o Concílio Vaticano II, conhece momentos tormentosos. Ele guarda o equilíbrio interior e integra facilmente o passado e o presente: “Isso me permitiu ser filho legítimo do passado, perfeitamente enraizado no presente e bem aberto ao futuro!”. E mais adiante reconhece: “Vivi o Concílio sem rupturas, como uma transição normal. Os grandes eixos do Concílio eram-me conaturais...”. Ele volta a essa graça quando lembra o que um de seus formadores lhe dizia em francês: “Há muito azul no teu céu”¹⁵, reconhecendo que esse “azul na vida” vem “do Pai das Luzes.. e, absolutamente, de sua natureza’.

Contudo a graça espera a colaboração humana. Basílio o reconhece: “A Vida Religiosa não se concebe sem renúncia e sem cruz”. Teve de lutar “contra a tendência à glotonaria, travar luta contra seus defeitos, encetar um caminho de maturidade na vida social para bem se relacionar com os outros e tornar-se pedra de construção e não de demolição no edifício da vida comunitária familiar. Toda essa luta iria criar maior liberdade interior”. Na Circular sobre a Obediência, ele volta a essa colaboração do homem com a graça: “Deus dá-se a nós como dom e como graça e espera nossa resposta. Nossa resposta é empenhar nossa liberdade para abraçar sua vontade que é nosso bem, nossa felicidade, nosso futuro. Assim nós lhe ajudamos a realizar seus planos sobre nós para nossa alegria e nossa fecundidade”.¹⁶

2.3. A graça impele ao compromisso

Com essa graça nele, Basílio define a escolha que fez. Via duas opções possíveis;
a) Fazer o bem, santificar-se, mas procurando também sua promoção pessoal.

¹⁵ É o Ir. Léonida, antigo Superior-Geral e grande amigo de Basílio.

¹⁶ *Circ. A Obediência*, pp. 28-29.

b) Esquecer-se de si mesmo, “perder sua vida” e viver apaixonadamente por um ideal, para o Senhor, para os outros.

“Confesso, com toda a simplicidade, que, de maneira natural e sem nenhum mérito especial, decidi-me pela segunda.” Ei-lo, agora, Basílio na escolha da sua vida: o Senhor e os outros. É o Basílio que conhecemos tal como viveu entre nós.

O compromisso é belo, mas Basílio não tem dificuldade em admitir seus limites: “Para meu caso, devo confessar que houve pecado, muitos limites, hesitações para dizer sim, quando essas ou aquelas opções mereciam fidelidade mais completa, autenticidade mais manifesta, resposta mais rápida”. Reconhece também que na Igreja e na Congregação havia muita mediocridade, pecados e fraquezas. Como membro ativo do movimento Mundo Melhor, como Superior-Geral, teve de medir todas essas fraquezas e enumera-as com muito realismo: rigidez, liberalismo, mentiras, hipocrisia, falta de generosidade, deserção, pretextos capciosos, falta de paciência e de confiança em Deus, de humildade. Apesar de tudo isso, ele acrescenta: “Devo afirmar, contudo, que, mesmo tendo por vinte anos tocado o lado sombrio e, às vezes, sujo da humanidade, tanto na minha Congregação como na Igreja, experimento cada dia mais entusiasmo pela vida que abracei, e amor ao meu Instituto, que sinto bem vivo no fundo do meu ser, assim como pela Igreja, que amo cada vez mais, à medida que os dias passam”.

2.4. Uma influência mais forte de Deus

Podemos dizer que essa segunda reviravolta é a invasão do amor de Deus no coração de Basílio, o que ele relembra em outras passagens: a irrupção do amor de Deus correndo parêlo com a descoberta de que Deus é amor, nada mais que amor. Eis o texto do próprio Basílio: “Quem conheceu a *fascinação do amor de Deus* sabe que não se pertence mais. A alma, com efeito, não pede, ela se doa, e desse dom nasce a grande intuição: a vida só vale a pena ser vivida se a gente ama incondicionalmente e se a gente está disposto a arriscar tudo numa só carta. Põe-se, portanto, a vontade do Senhor bem acima do amor de si mesmo, e o desejo se reduz a uma disponibilidade absoluta.

Quando o amor de Deus irrompe numa vida, ele desencadeia um tipo de amor que faz esquecer a medida razoável. O Tu de Deus e do próximo predomina em tudo.

Morte prematura é o destino de um amor que se condensa no tempo. O amor quer doar-se, queimar sua vida.

Um dia descobri que Deus nos tornara tangível seu amor na pessoa de seu Filho, e que *Jesus Cristo é o beijo de amor e de ternura que o Pai nos dá*.¹⁷(...) Naquele dia eu senti que Jesus vinha a mim de maneira bem particular para fazer-me experimentar a excelência do Evangelho. Pareceu-me maravilhoso tomar essa Carta Magna como eixo e código de minha própria existência e seguir Jesus, meu Irmão e meu Salvador, que me pedia a colaboração e a amizade para viver e trabalhar com Ele na criação de um mundo conforme o Evangelho. Compreendi que o Espírito Santo me havia marcado com um selo especial na multidão inumerável dos membros da Igreja, porque havia depositado em meu coração um gosto intenso para certas realidades do Evangelho”.¹⁸

2.5. A vida nada mais é que dom

A partir de então, Basílio considera tudo o que Deus lhe fez realizar e se dá conta de que seu campo de apostolado ultrapassou todas as previsões. De sua experiência com Deus ele conclui: “A Vida Religiosa não é uma abstração. É algo de concreto, uma realidade vivida. É uma história, um diálogo de amor entre Deus e mim. No que toca a Ele, nunca falta novidade na sua fidelidade. Minha vida, pelo contrário, é cheia de imperfeições e subterfúgios, embora, graças a ele, eu continue a caminhar e a retificar constantemente meu caminho”. Entretanto, ele guarda grande confiança naquele que o chamou; sabe que Ele é fiel. Escreveu: “Não fui eu quem teria formulado meu apelo a mim mesmo; antes, recebi-o como dom, e a mesma razão que me levou a responder no começo, continuará a levar-me até a morte”. Mais adiante, falando do tema da fidelidade, pensando no grande número de sacerdotes e religiosos que preferiram desistir, sua razão de permanecer fiel é a seguinte: “O que dá na vista logo é que o Cristo me chamou e escolheu no momento do chamado, e isso antes do meu engajamento. O que constitui minha vocação não é o meu engajamento, mas o chamado e a escolha de Deus. A infidelidade começa quando nos fechamos à ternura e ao amor de Deus...”.

¹⁷ Outra expressão freqüente nos escritos de Basílio.

¹⁸ *Quemar la Vida*, p. 305. (Entrevista J.M.V., *Religiosos de Hoy*, p. 162, Madrid, 1980).

Essa experiência profunda e a fidelidade que seguiu atravessam a vida de Basílio como uma grande luz. É nessa graça que Deus lhe concedeu que seu ideal se torna claro: *Queimar sua vida por Cristo*¹⁹ e até queimá-la nas duas pontas, isto é, numa vida extremamente doada. Ele no-lo fará compreender num outro depoimento em que fala dos profetas.²⁰

“A profecia tem sua origem em Deus como fonte e se transmite ao homem quando este vive na sua intimidade. Essa relação se cria sobretudo na oração que desperta no homem a paixão pelo Reino. Na escuta atenta da palavra de Deus se trava um diálogo de intimidade que faz surgir o desejo veemente de proclamar, pela vida, que Deus é a plenitude do amor e que vale a pena perder tudo para possuí-Lo.

Do que precede nasce a exigência da procura apaixonada da vontade de Deus numa comunidade eclesial generosa e indispensável. O amor da verdade, o discernimento dos sinais dos tempos, fazem descobrir caminhos novos de ação evangélica numa lealdade sem fronteiras a respeito de Deus e do homem, arriscando até a própria existência.

O profeta sente queimar em seu coração a paixão pela glória de Deus e, uma vez que ele acolheu sua palavra, proclama-a por sua boca, por suas ações, por seu pensamento, por suas palavras, por seu contato com os outros, numa transparência que manifesta a autenticidade dos grandes ideais em favor do Reino, num heróico engajamento com todos.

Uma vez que se engajou sua existência no terreno do amor, não há mais marcha à ré. A vela está acesa nas duas pontas.

O tempo depende da intensidade com que é vivido, mas quando o amor irrompe no coração de uma vida, o tempo adquire a densidade eterna. O amor não nos foi dado para preencher vazios do coração, mas para lançar os homens a alturas inimagináveis de generosidade e doação de si mesmos”.²¹

No retiro que Basílio pregou em Logronho (Espanha), em 1972, fez esta reflexão extraordinária diante dos Irmãos: “E, indo mais a fundo na ordem da

¹⁹ Expressão freqüente em Basílio que expressa a natureza de sua paixão.

²⁰ Basílio abordava habitualmente esse tema dos profetas, nos primeiros retiros que dava na América Latina, Canadá ou Espanha. Encontra-se nas revistas maristas do Canadá, 1970, de Bética Marista, 1972, e a série “Chamado à Renovação”, da Província Norte, da Espanha, 1972-1973.

²¹ *Queimar la Vida*, pp. 304-305 (Entrevista J.M.V., p. 162), *Lumières et Flammes d'une Vie*, pp. 343-344.

fé, é indiscutível que é preciso pagar o preço: o preço de crer em Jesus Cristo morto e ressuscitado. E bendito seja esse tributo, fonte de alegria. E é este o teu mérito: o fato de esperares na insegurança, o fato de esperares contra toda esperança... Quando anuncias Jesus Cristo ressuscitado, te comprometes com Ele, de sorte que, diante de qualquer dilema entre Jesus Cristo e outra coisa, tu te deixas esfolar antes de renunciar a Jesus Cristo. E que tudo se perca, até tua própria mãe, mas não Jesus Cristo”.²² No hospital de sua última doença, Basílio ditou para seus amigos uma carta, a última, em que lemos: “Hoje verifico a realização prática de uma verdade que me disse o Irmão Leônidas, já faz tempo: ‘Você queima sua vida dos dois lados; sua vela, pelas duas pontas’. E mandou-me grande página de uma revista em que havia uma espécie de candeia bastante grossa, com as duas pontas acesas. E eu lhe dei uma resposta, talvez meio insensata: ‘Esse foi sempre o meu ideal’”.²³

Temos aqui o último depoimento oficial de Basílio, quando a vela termina de queimar, quando toda sua vida foi fidelidade de amor e doação. Eis-nos no fim do percurso, após vermos a luz surgir: uma empresa extraordinária de Deus e do Cristo cujo amor fiel torna fiel e generoso.

No final dessa experiência, que é que Basílio pensava de si mesmo e que percepção tinham dele seus Irmãos? Quando terminou seu segundo mandato e fez um balanço do trabalho realizado como Superior-Geral, disse aos Capitulares: que o escutavam: “Falando francamente, eu teria preferido ver um santo a governar o Instituto, neste período que tive de viver. Sim, um homem de Deus mais que um técnico...”. E seu biógrafo continua: “Certamente, os santos não se enxergam a si mesmos e não valorizam o trabalho que realizam; só se interessam pela vontade de Deus. Basílio não viu um santo governar o Instituto, mas muitos viram, sim; pode ser que alguns de nós tampouco o vissem. Realmente, é bem possível que um santo tenha governado o Instituto dos Irmãos Maristas durante 18 anos”.²⁴

²² *Llamamento a la renovación*, pp. 9-11, outubro de 1972, Prov. Norte -Espanha.

²³ Testemunho de Basílio, gravado um mês antes de sua morte.

²⁴ *Quemar la Vida*, p. 245.

QUEM É O DEUS DE BASÍLIO?

As linhas precedentes são já bem eloqüentes sobre o Deus de Basílio. As que vão tratar de Basílio como homem da oração não serão menos eloqüentes. É normal, pois que estamos diante de uma vida que Deus tornou coerente. Mas é útil respigar um bom número de citações e depoimentos para retratar o melhor possível o Deus de Basílio.

O Deus de Basílio é o que seduz, que se diz que é amor, que é fiel, que é poderoso; a realidade dominante é o encontro de uma pessoa extraordinária, cujo amor ultrapassa todas as medidas.

3.1. Deus percebido como pessoa

Basílio faz a experiência de Deus como de um ser pessoal que procura e cria o diálogo, a comunicação, a intimidade, que se faz próximo, age em nossa história humana e na vida de cada pessoa. É o Deus escondido, mas que se revela. Quando os Irmãos lhe perguntam: “Meditar, não passa, afinal, de um belo diálogo em que o homem desempenha dois papéis, de quem fala e de quem escuta, que faz perguntas e a elas responde, que procura uma intimidade e encontra outra mais profunda em si mesmo, mas que é ainda ele mesmo?”. Basílio mostra como certos movimentos da alma, certas luzes interiores, só podem vir de Deus, que nos garante ele mesmo que é Ele e não um produto sofisticado de nossa psique, sobretudo quando Ele nos faz aceitar comportamentos que, por natureza, teríamos evitado, como a amor à cruz, a acolhida de alguém que nos irrita, as epifanias de Deus... E esse Deus-pessoa revela as características de sua personalidade; revelação que faz parte de seu amor: Deus se afirma amando, Ele se revela no momento em que ama.

Na Circular sobre *A Vida Comunitária*, desde as primeiras páginas, chama a atenção dos Irmãos que Deus é membro da comunidade: “Acima de tudo, a pessoa das pessoas é Deus que, Trindade de pessoas, está presente como agente e como fim privilegiado na comunidade religiosa. Se essa comunidade não

quisesse ocupar-se de Deus enquanto “membro autêntico” dela mesma, sob pretexto de que se ocupa dEle indiretamente e que O alcança, por assim dizer, de ricochete, amando os outros membros, o seu erro seria, “no mínimo”, semelhante àquele que se comete abandonando certos membros da comunidade, sob pretexto de que o amor e o serviço para com os outros membros lhes é finalmente proveitoso, através da busca do bem geral”.²⁵

3.2. Deus é amor

É o aspecto sobre o qual Basílio volta seguidamente, porque é o aspecto que ele mais experimenta na sua oração e na sua vida. Sua mais clara convicção é que Deus é amor e nada mais que amor, sempre amor. Na sua Circular sobre *A Obediência* escreve esta frase forte: “Em sua santa vontade palpita sempre uma ternura maior do que aquilo que podemos imaginar”.²⁶ Mas deixemo-nos orientar por uma conferência de Retiro que Basílio pregou em Logronho (Espanha), em 1972, sobre o tema da Oração.²⁷ Essa nos permite descobrir as convicções e a vida de Basílio. Após ter expressado sua fé em Deus-Amor, ele desce às constantes desse amor:

– *É um amor gratuito.* Cita de bom grado o versículo de João – “Deus é amor” – e comenta; “Portanto, Deus é amor, amor gratuito, que nem é provocado, nem condicionado, nem produzido... Deus é amor gratuito. Ele não te ama porque tu o amas. Ele não te ama porque tu és digno de ser amado. Ele não te ama porque tu terias criado em tua vida as condições que te fizessem digno desse amor. Deus te ama porque Ele é amor. Ponto-final! Quando João nos diz que Deus é Amor, diz-nos que Ele nos ama, que não faz outra coisa do que amar-nos e que Deus não pode senão amar-nos. E essa é a verdade primeira, a verdade fundamental. Devemos insistir sobre o fato de que o amor de Deus é ‘gratuito e eterno’”.

– *“É também um amor histórico,* no sentido de que Ele se aproximou de nós, entrou em nossa história pela Encarnação do Filho, alcançou-nos por dentro, no tecido da aventura humana.” E Basílio explicita: “... amor histórico, quer dizer,

²⁵ Circ. Sobre a *Vida Comunitária*, p. 53.

²⁶ Circ. *A Obediência*, pp. 20-21.

²⁷ *Llamamiento a la Renovación, la Problemática de la Oración*, outubro de 1971. Tema idêntico em *Bética Marista*, outubro de 1972, e já em *Appel au dépassement: o mandamento novo*, Retiro de 1970, Canadá.

Irmãos, que esse amor nos acompanha ao longo de nossa existência e guia a existência humana com suas mãos amorosas e com uma vida de amor”.

– “*Além disso, o amor de Deus é fiel...* Vivo na confiança total de que Deus é de tal forma fiel em seu amor, que nossa vida se acabará pelo triunfo da caridade, do amor de Deus sobre o miserável amor humano”.

– “*Esse amor é eficaz.* Não dá uma justificação exterior, mas interior, com o poderoso mistério que plantou em nosso coração, com o Espírito que foi infundido em nosso coração. Esse amor atuante terminará por nos transformar”.

– “*Amor eficaz, mas também flexível.* Nós é que somos rígidos. Ele é um Deus paciente (mas muitas vezes somos nós que marcamos o ritmo a Deus por uma vida espiritual mediana)”. E Basílio no-lo diz humoristicamente: “Então vejamos se é melhor para nós tomarmos um ritmo de jegues cansados ou tomarmos um andamento rápido”.

– “*Enfim, é um amor concreto e inculturado.* Isso quer dizer que é um *amor-projeto*. E esse projeto prevê o caminho, a estratégia, os meios para realizá-lo...”. É aqui que Basílio cita a Carta aos Romanos (Rm 8,29-30: “Aos que Deus conheceu, também os destinou...”).

– “*O amor de Deus é também constantemente misericordioso...* Irmãos, Deus se abaixa até o barro para fazer-nos sair de nossa indignidade... Aquele que nos deu Jesus Cristo, como com Jesus Cristo não nos daria todas as coisas? Mas nós somos uns imbecis – desculpem o termo – se Deus nos dá seu Filho, como é que não nos daria o perdão?”.

– “*Esse amor é personalizado.* Tem todas as características acima, mas em cada pessoa toma nuances, ritmos, um programa diferente.” Na Circular sobre a Obediência encontramos esta imagem evocativa: “Deus não é uma indústria que produz, em serie, idênticas garrafas de coca-cola. Deus compõe a riqueza de sua Igreja com exatidão, mas também com extrema variedade de naturezas espirituais que se unificam em povo de Deus. São os carismas. É a complementaridade”.²⁸

– “*É um amor que dialoga com nossa liberdade.* A grandeza de Deus consiste em jogar com essa liberdade humana – que é verdadeira liberdade – com esse homem que tem verdadeiro poder de proceder mal – mesmo se Deus não quer que ele proceda mal.”²⁹ Algumas páginas acima,³⁰ lemos: “Deus, acima de nós, é

²⁸ Circ. A Obediência, p. 20.

²⁹ Circ. A Obediência, p. 24.

um amor que se dá a mim em forma de mistério, que se dá a mim como tarefa que é primeiro descoberta, depois amor apaixonado, em seguida realização. Posso recusar-me a essa vontade, mas se a procuro, encontrá-la-ei certamente. Deus se oferece a nós como dom e como graça e espera nossa resposta. Nossa resposta consiste em pôr em ação nossa liberdade, para abraçar sua vontade”.

– “É um amor que leva sempre ao cumprimento do segundo mandamento: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’”. Encontraremos essa exigência apresentada no estudo da oração, no capítulo sobre o amor e na segunda parte do livro, que trata de Basílio como o homem entregue a seus Irmãos.

– “O Amor de Deus é Jesus Cristo. Eis a maravilha de nossa existência. Um dia, quando se completaram os tempos, Deus enviou seu Filho à Terra. E o Cristo toma como esposa uma prostituta – não é para rir que os Padres chamam a Igreja ‘a casta prostituta’ – arrancada do canteiro de obras do mundo, onde abunda o pecado. É com homens pecadores que Jesus formou sua Igreja, com carne de pecado que deve ser salva e que é salva.” Na Circular *Um novo espaço para Maria*, em que consagra várias páginas para explicar o que é o Mistério, encontramos esta frase: “Seu objeto é a Boa-Nova anunciada pelo Evangelho de Jesus Cristo: Deus nos ama gratuitamente e nos adota como filhos no Bem-Amado, dando-nos o Espírito!”.³¹ Basílio insiste nesta verdade: “Segundo certa filosofia, o homem jogado na história, vem do nada e vai para o nada. Aos olhos da fé, as coisas não são assim. Nós vimos de um amor preferencial de Deus que nos elegeu no seu Bem-Amado e somos destinados a participar da glória eterna desse Filho”.³² Este ponto, o Filho entre nós, é tão capital para Basílio que merece um espaço especial.

3.3. Deus é Pai

Esse Deus que é uma pessoa, que é amor, que nos faz filhos no Filho, Basílio sabe por experiência e o repete seguidamente, com afeição, encantamento e alegria, que Ele é *Pai*.

³⁰ Ibid., p. 21.

³¹ Circ. *Um novo espaço para Maria*, p. 325.

³² Ibid. p. 328.

Entre as definições que dá de Jesus, encontramos esta: Jesus é o beijo de amor e de ternura que o Pai nos dá!³³ Em sua conferência sobre a Palavra de Deus, Jesus é a “Palavra eterna do Pai”. E gosta de citar as passagens do Novo Testamento que falam do Pai, sobretudo João 3, 16: “Deus amou tanto o mundo, que enviou seu próprio Filho”.

Basta estarmos um pouco atentos na leitura destes cadernos para encontrar a constante presença do Pai. Escrevendo uma carta a seus amigos do Mundo Melhor, diz-lhes: “O Pai, em Jesus Cristo, nos faz filhos seus e nos constitui irmãos entre nós; é o que vivemos em comunidade. Quando chamamos Deus nosso Pai, nós nos chamamos, ao mesmo tempo, irmãos de todos os homens...”.³⁴ O Padre Arrupe era um de seus grandes amigos. Quando, em 1981, veio a adoecer gravemente, em seguida a uma trombose cerebral, visita-o e lhe escreve freqüentemente cartas curtas. Com uma delas junta um santinho com estas palavras: “Envio-lhe, Pai, este santinho que, eu creio, por causa da profunda mensagem que traz, poderá despertar em seu espírito sentimentos conformes ao seu estado. As mãos de Deus são sempre mãos de Pai. É possível que o termo ‘alegria’ você não o ache tão apropriado, mas o de ‘abandono’, sim”.³⁵ Felicita seu amigo pela coragem que ele mostra e deseja que, quando semelhante prova chegue para ele mesmo, possa mostrar iguais disposições. Ora, o que encontramos na sua última carta, que envia a seus amigos mais íntimos, um mês antes de morrer, é exatamente isto: a entrega total de si nas mãos de Deus: “Ponho tudo isso nas mãos de Jesus Cristo, nas mãos do Pai, e sinto-me em paz profunda, na ação de graças e totalmente ao louvor. Sei que não há mãos melhores que as de Deus e é nelas que me entreguei. É nessas mãos que se entregou o Cristo agonizante”.³⁶ Estamos diante de uma convicção profunda que havia modelado toda a sua vida. Estas páginas formam o pórtico de entrada. Todos os outros capítulos falam de Deus e lembram o que Paulo dizia aos Atenienses:³⁷ “Nele temos a vida, o movimento e o ser”. A essa impressão se junta, caro Irmão Basílio, minha certeza que Deus “está mais perto de nós do que nós mesmos”. É o coração de nosso coração.

³³ Cf. nas páginas anteriores, a parte: Um predomínio mais forte de Deus.

³⁴ AFM 51.09 Basilio D2-77-12-290.

³⁵ *Quemar la Vida*, p. 184.

³⁶ Essa carta aparece no Caderno n.º 5, texto 9 sobre a Obediência.

³⁷ At 18,28.

TEXTOS

2. Ler no código do amor

O cristianismo é apenas o beijo de amor histórico que o Pai dá à humanidade na pessoa de Jesus e que prolonga, depois, por seu Espírito. O Pai é amor e, como diz São João, “amou-nos a tal ponto que enviou-nos seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados” (1Jo 4,10). E São Paulo, por sua vez: “Ele me amou e se entregou por mim”.

A essência, o âmago, o tudo do cristianismo, é o amor; um amor que brota um pouco no Antigo Testamento, mas que se manifesta em plenitude em Jesus Cristo. Esse amor do Pai pela humanidade vai culminar numa aliança total – a aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo – para fazer-nos entrar no âmago do amor.

Todas as virtudes cristãs devem, pois, ser vistas como e a partir do amor. Seria mesmo preciso dizer, por exemplo: para o cristão não existe a prudência. Ela é uma delicadeza do amor. A obediência não existe para o cristão: ela é a maneira amorosa de fazer o que agrada à pessoa amada. A virgindade não existe para o cristão: ela é simplesmente uma canalização da potencialidade sexual e afetiva que está semeada em nosso corpo, a fim de dirigi-la totalmente para o encontro com o Pai no decorrer da vida.

Devemos ler a vontade de Deus com o código do amor. Com outro código jamais falaremos de obediência cristã. Quem obedece, obedece por amor. E se o Pai tem tal vontade a nosso respeito, é porque nos ama apaixonadamente, mesmo se esta vontade é crucificante. (*Circular sobre a Obediência, pp. 18 e 19, de 30-5-197*).

2. Ser apaixonado pela vontade de Deus

Uma das bases do cristianismo é esta: tomar a sério a vontade de Deus a meu respeito, crer que tenho acesso a ela, a ponto de poder fazer minha a palavra de Jesus; “Pai, terminei a obra que me deste a realizar”.

Trata-se, pois:

1) de refazer, em função do amor, a leitura de tudo: da obediência, da autoridade, dos sistemas de governo, etc. Com efeito, todo governo, todo

sistema de autoridade em que transparece mais a face da organização do que a face do amor se trai a ele próprio e toma uma direção que não é a mais evangélica;

2) de levar a sério a vontade de Deus. Ora, Deus não é uma indústria que produz em série idênticas garrafas de coca-cola; Deus compõe a riqueza de sua Igreja com exatidão, mas também com extrema variedade de naturezas espirituais que se unificam em povo de Deus. São os carismas. É a complementaridade.

Mas há algo muito importante ainda:

3) é preciso ser apaixonado pela vontade de Deus. Tomar a sério a vontade de Deus não significa apenas realizá-la, como um dever, custe o que custar; mas estar por ela apaixonado até o fundo da alma porque, ao contrário da impressão medrosa de muitos, ela absolutamente não nos aliena. A vontade de Deus, o amor de Deus, não destroem o homem: de maneira alguma! Os trágicos gregos, sim; se quisermos, podemos chorar sobre Efigênia ou sobre Antígona: vemos aí grande elevação de sentimentos. São, porém, casos, como o do Padre Kolbe, que dão o verdadeiro sentido da realização humana encontrada na vontade de Deus que, ainda quando parece destruição, ela é, em verdade, realização. (*Circ. Sobre a Obediência, pp. 19 e 20*).

3. Uma ternura maior do que aquilo que podemos imaginar

A vontade de Deus é apenas o meio de esclarecer para nós o melhor futuro possível, o meio de comunicar os melhores dons espirituais e humanos através da história, porque Deus quer realmente tornar-nos participantes de um maravilhoso plano de bondade e de amor.

Isso muda completamente a fisionomia da vontade de Deus. Já meditaram vocês realmente o Salmo 49: “Se tenho fome, irei dizê-lo a ti? Não sei o que fazer dos novilhos de tua casa... Conheço todos os pássaros das montanhas”. Deus não precisa disso nem daquilo. O que ele pede não é para si, é para nosso bem, mas nosso bem é coletivo. Deus não pode querer que eu seja assassino de meu irmão. Se devo viver amanhã com o Irmão X, Deus não pode querer que eu procure minha felicidade e minha realização à custa do sangue e do sacrifício de meu irmão e que meu irmão seja escabelo de meus pés.

O que ele quer é que nós nos amemos fraternalmente e que, juntos, realizemos nosso bem. Essas são coisas, porém, que não nos entram facilmente na cabeça.

É necessário mudar a cor de um certo ascetismo, porque Deus não é um carrasco, menos ainda um carrasco sádico. E em sua santa vontade palpita sempre uma ternura maior do que aquilo que podemos imaginar. (*Circ. sobre a Obediência, pp. 20 e 21*).

4. Aprendemos o amor na escola de Deus mesmo

Toda a nossa religiosidade – tomando a palavra no sentido de cultura e desenvolvimento de uma vida de relação com Deus – é vã se o amor do próximo não está nela. Quem estivesse nesse estado perderia seu tempo e seus esforços sem resultado algum, o que seria lamentável para um religioso; os seus votos, com efeito, especialmente o de castidade, vividos pelo Reino dos Céus, devem, por sua própria dialética, gerar no coração uma força de amar, um estilo de amor de qualidade superior...

Um cristão, um religioso, não tem o direito de ter relações humanas não caridosas, senão, para que teria sido derramado em nós o Espírito Santo? (Rm 5,5). Aprendemos o amor não na escola de qualquer mestre, mas de Deus mesmo, e o poder de amar assim foi-nos comunicado como dom de caráter pneumático que vive e opera dentro de nós...

A Teologia Espiritual ensina como, à medida que o coração se deixa invadir pelo Espírito Santo, simultaneamente a caridade e os sentimentos de Cristo se reproduzem nele como num espelho, e desde então se torna possível, em graus diversos, o cumprimento do mandamento do Senhor: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Uma vida levada em comum, sem se amar, seria um absurdo, uma aberração; seria uma coexistência pacífica de egoísmos bem organizados e respeitosamente coordenados. (*Circular Sobre a Vida Comunitária, pp. 111, 118, 121-122, 125*).

QUEM É JESUS PARA BASÍLIO? ³⁸

É certo que o amor que Basílio tem a Deus, e particularmente a Deus Pai, é denso, cotidiano, concreto. E assim ele acolhe o amor que Deus lhe tem. Na sua Circular sobre A Obediência ele nos permite adivinhar que a vontade do Pai se tornara sua paixão. E esse amor é sobretudo filial, na certeza de fazer apenas um com Jesus. De fato, é Ele, o Senhor, que reza em nós, que põe seu Espírito em nossos corações, de sorte que com Ele, nEle e por Ele, somos filhos e podemos verdadeiramente dizer a palavra de seu êxtase e de sua comunhão: “Abba, Pai!”. Deixemos a Basílio o prazer de nos dizer quem é Jesus para ele.

4.1. Jesus: O que podemos chegar a ser para Deus e Deus para nós.

É assim que Basílio sintetiza a *Encarnação*, um mistério sobre o qual volta muitas vezes: “Deus revelou-se a nós em plenitude exaustiva, total e definitiva nesse Alguém que chamamos Jesus. Esse ‘Tu’ sem nome, Absoluto e Infinito, revelou-se-nos como um ‘Eu sou Javé-no-meio-de-vós’, fazendo uma história conosco. Esse Tu absoluto quis uma vida participada, uma coexistência, escolheu um povo, esteve tão perto dos homens que chegou um momento histórico em que já não esteve perto como quem de fora convive com eles, senão que de dentro da humanidade convive com a humanidade... Deus não está apenas conosco, mas é um de nós. Deus pronunciou um ‘Eu’ de humanidade; e esse apelo aos homens a partir do exterior foi então um apelo vindo de dentro. *Jesus de Nazaré é a concretização daquilo que nós, homens, podemos chegar a ser para Deus e do que Deus poderá vir a ser para os homens.* E é, pois, dessa maneira que a Palavra de Deus, o apelo de Deus, ressoou através de uma humanidade que é nossa, que é irmã nossa, *que é, afinal, cada um de nós*”.³⁹ Ele vai

³⁸ Toda esta reflexão sobre Jesus pode ser enriquecida pela Conferência de Basílio sobre a Palavra de Deus. Essa conferência, transferida para o fim da segunda parte do livro, é de extrema riqueza, animada pelo fôlego de alguém que a vive.

³⁹ Circular de 2-1-1968, Apelos do Concílio, pp. 598-599.

formular, em termos bem parecidos, a mesma verdade na Prática sobre a Oração: “Em Jesus, Deus se humanizou de veras... Deus se fez homem, assumiu a linguagem dos homens, exprimiu-se como homem; em suma, é Deus que fala a Deus, partindo do homem, e é por isso que a oração é a humanização orante de Deus”.⁴⁰ Jesus Cristo é a pessoa-encontro em que se opera, no amor, a união entre Deus e o homem; é o templo de Deus e do homem. Basílio vê exatamente Jesus como o amor do Pai entre nós.

4.2. Jesus, o beijo de amor do Pai

Basílio afirma-o magnificamente na sua Circular sobre A Obediência: “O cristianismo não é outra coisa do que o beijo histórico que o Pai dá à humanidade na pessoa de Jesus e que prolonga, depois, por seu Espírito. O Pai é amor e, como diz S. João, ‘amou-nos a tal ponto que enviou-nos seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados’ (1Jo 4, 10). A essência, o âmago, o tudo do cristianismo, é o amor; um amor que brota um pouco no Antigo Testamento, mas que se manifesta em plenitude em Jesus Cristo. Esse amor do Pai pela humanidade vai culminar numa aliança total – a aliança em Jesus, aliança no Espírito Santo – para fazer-nos entrar no âmago do amor”.⁴¹ E esse amor traz como fruto a união, a paz, a amizade. Na Circular de 2-1-1968, *Os Apelos do Concílio*, ele vê ainda Jesus como o beijo do Pai ao homem: “Sim, não se pode jamais esquecer que a religião cristã não é produto fabricado pelo homem; é Deus que se comunica ao homem. O homem não é um Prometeu que rouba o fogo do céu; é criatura que recebe, em Jesus Cristo, o beijo de amor do Pai e a redenção por amor”.⁴² Em “*Um novo espaço para Maria*”, Basílio apresenta uma reflexão surpreendente, mas exata: “Na vida de Jesus, há uma série de episódios contingentes. O Cristo, por exemplo, teria podido não nascer em Belém, não ter sido obrigado a fugir para o Egito, não ter tido um encontro com a Samaritana ou uma refeição com Zaqueu. Mas há algo que é essencial, constitutivo, na vida do Homem-Deus-Redentor: é sua Páscoa. Devia morrer e

⁴⁰ Circ. *Prática sobre a Oração*, p. 494.

⁴¹ Circ. *Sobre a Obediência*, p. 18.

⁴² Circ. *Os apelos da Igreja*, p. 522-23.

ressuscitar para reunir os homens e fazê-los entrar consigo, libertos do pecado e da morte, na comunhão definitiva de seu Pai”.⁴³

4.3. Jesus e nós somos um

Aqui nos encontramos diante de uma das linhas-forças da fé do Irmão Basílio; ele o confessa, às vezes com expressões tão raras e surpreendentes que elas não podem passar despercebidas. Escreve ele: “*Cada um carrega em si um mistério: Jesus Cristo é eu, e eu sou Jesus Cristo, no mais profundo sentido da palavra*”.⁴⁴ Isso já não é um belo achado literário nem uma audácia teológica, mas a profissão de uma fé profunda, vivida, cujas expressões encontramos nas conferências feitas no Canadá, em 1970, como prova o texto 4, no final do capítulo: “Não se deve esquecer que a Vida Religiosa não é outra coisa do que a vida evangélica de Jesus Cristo derramada em nossos corações e trabalhada constantemente pelo Espírito Santo”.⁴⁵ Não é, certamente, nenhum cristão comum que poderia afirmar isso, mas aquele que, como Paulo, chegou ao ponto de poder dizer: “Não sou mais eu que vivo; é Cristo que vive em mim!”. Pensando que Jesus, pela morte e ressurreição, perde suas condições físicas de ação na humanidade e que, para agir, precisa de outras humanidades que se oferecem a ele, Basílio escreve esta oração: “Senhor, tu não podes mais contar com a humanidade física de Jesus. Mas eis em mim, para teu Verbo, outra humanidade integral, não apenas um corpo, pés, mãos, cabeça, mas o livre arbítrio, uma psicologia, um coração que te suplica inundá-lo de teu Espírito... E, realmente, o Verbo que fez viver Jesus-homem de maneira divina, habitando agora em nós em novos Cristos, quer fazer com homens obedientes, os revolucionários da história”. Já na *Prática sobre a Oração*, ele havia formulado esta idéia: “O cristianismo é uma vida interpessoal na unidade... Eu e Jesus somos dois, mas somos também um, porque Jesus e eu somos Igreja”.⁴⁶ Em muitas passagens, Basílio diz que os verdadeiros cristãos “são vividos por Cristo”, que o Batismo realmente acolhido faz com que a vida de Cristo suba em todo o nosso eu, invadindo-o em todos os seus instintos mais espontâneos, porque é a infusão do mesmo Espírito do

⁴³ *Circ. Um novo espaço para Maria*, p. 327.

⁴⁴ *Circ. Sobre a Obediência*, p. 26.

⁴⁵ *Apelo à auto-superação*, retiros 1970, *Natureza dinâmica da vida evangélica em nós*, p. 1.

⁴⁶ *Circ. Prática sobre a Oração*, p. 496.

Filho. Ele se pergunta: "O que é um cristão?". Não o que 'é praticante', mas aquele em quem a vida de Jesus se derrama, que é vivido por Jesus, pelo Espírito de Jesus. Ora, se vive com o Espírito de Jesus, é na medida em que o Batismo sobe nele como mar que invade o coração, a cabeça, os critérios de julgamento, a consciência".⁴⁷ É então que nós também somos filhos no Filho. E nesse caso nossa oração é de fato a voz de Cristo que se dirige ao Pai: "Quando um homem reza e sua vida é verdadeiramente cristã, é Cristo, primogênito do seio de Maria, quem reza nesse homem; sua oração não é senão a vida do Cristo que se exprime em palavras".⁴⁸ Já na sua primeira Circular havia afirmado: "Confraternizando com o único que é Filho, com Jesus que esgota a paternidade do Pai, configurados a Jesus pelo Espírito, podemos invocar e clamar: 'Abba, Pai', do íntimo do nosso coração". E ele insiste: "Não se trata apenas de se saber chamados por um Tu transcendente, mas saber-se irmãos de Jesus, configurados a Ele pelo Espírito e, com sua força, poder clamar: 'Abba, Pai!'"⁴⁹

4.4. Jesus, nossa regra de vida

Habitados pelo Espírito do Filho, Jesus vai tornar-se nossa regra de vida, a medida de tudo, o modelo absoluto. Na sua profunda visão da obediência, que é de fato o transbordamento da paixão que traz em si, para com a vontade de Deus, Basílio escreve: "A base da obediência cristã é Jesus Cristo... Essa é, em todo o caso, a consequência que São Paulo tira: 'Não temos necessidade de lei. Nossa lei é Jesus Cristo'"⁵⁰

Refletindo sobre "espiritualidade" e "psicologismo", e a necessidade de harmonizar os dados da Psicologia com a Vida Espiritual, após haver dito que as leis psicológicas engajam a consciência, faz seguir este parágrafo: "É preciso, pois, inserir os dados psicológicos na mensagem evangélica, assim como é preciso aceitar também as contribuições espiritualistas. Sem isso chegamos a um fracasso. Do lado dos partidários do espiritualismo, o que se sustenta com vigor é a prioridade não apenas qualitativa, mas vital do Evangelho sobre os valores

⁴⁷ Circ. *Prática sobre a Oração*, p. 485.

⁴⁸ Ibid. p. 493.

⁴⁹ Circ. *Apelos do Concílio*, p. 602.

⁵⁰ Circ. *A Obediência*, p. 30.

humanos. Nesse ponto, Nosso Senhor – nossa lei e nossa única escala de valores – é claro e categórico”.⁵¹ Tratando do humanismo naturalista, ele precisa seu pensamento: “É preciso abrir-nos com toda a nossa alma, aos valores de nosso tempo; é preciso que os tenhamos seriamente em conta, o mais cedo possível, na formação e na vida de nossas comunidades... mas impõe-se também – insisto – que estejamos prevenidos contra uma mentalidade humanista, no sentido imanente, que faz do homem seu próprio fim e modelo. Nosso único modelo é Jesus Cristo. Nossa Antropologia se deduz do mistério e da História da Salvação com suas grandes realidades ricas de conseqüências: a bondade da Criação, o fato da queda com as desordens que dela decorrem para a natureza humana, e o acontecimento bendito da redenção do Cristo que progride em nós e no mundo... Em resumo, poderíamos dizer: É somente no Cristo e pelo Cristo que se realizam o mundo e o homem – um mundo digno do homem e um homem digno desse nome – num humanismo cristão”.⁵² Enumerando aos Irmãos as características da espiritualidade do homem novo, na última e mais importante dessas características, ele diz: “Irmãos, um cristão não pode viver da justiça legal. E justiça legal significa todo o código moral que o homem recebeu do Senhor ou de seus representantes, que define uma série de observâncias para cumprir. Irmãos, queiram perdoar-me, mas existem entre nós muitos israelitas que vivem acostumados a essa espiritualidade legal. E o Cristo pregou essa justiça legal sobre a cruz e pôs em seu lugar a si mesmo, sua imagem e o Espírito Santo, quer dizer a justiça evangélica, que é dinâmica e perante a qual você jamais poderá dizer: isso basta”.⁵³ Uma das mais belas páginas de Basílio nesse assunto é a que encontramos em *Projeto Comunitário*, intitulada: A Comunidade, realidade voltada para Jesus Cristo.⁵⁴

Nesse mundo da graça, da vida, do amor, é Deus (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) que tem a iniciativa. Quanto a nós, descobrimo-nos amados, envoltos em amor, vivendo num mundo onde tudo fala do amor de Deus. Basílio recorda, nesse sentido, o n° 3 da exortação apostólica *Redemptionis Donum* de João Paulo II: “O apelo ao caminho dos conselhos evangélicos nasce do encontro íntimo com o amor do Cristo que é amor redentor... E a tomada de consciência é o fruto do ‘olhar amoroso’ do Cristo no segredo de vossos corações”. Depois

⁵¹ *Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 52-53.*

⁵² *Circ. 2 de janeiro 1968, pp. 131-132.*

⁵³ *Llamamiento a la renovación*, dezembro de 1972, Província Norte (Espanha).

⁵⁴ *Circ. Projet Communautaire, p. 129.*

continua: “Muitos santos perceberam esse apelo como uma descoberta apaixonada de Jesus Cristo que os impele a tudo abandonar para tornarem-se seus discípulos inseparáveis e seus colaboradores numa vida totalmente votada ao Reino e ao Evangelho”.⁵⁵

4.5. A Comunidade, realidade voltada para Cristo ⁵⁶

A comunidade é um fruto da relação com Jesus Cristo: *nEle, por Ele e para Ele*. As palavras do capítulo 16 de São João tomam aqui todo o seu vigor. “Eu sou a videira e vós sois os ramos... permanecei em mim... Sem mim nada podeis fazer, etc.”.

NEle. Isso quer dizer que tal homem é meu irmão com toda a força, a profundidade e a riqueza que a palavra encerra. Ele é para mim irmão e amigo unicamente porque Jesus Cristo o resgatou e me resgatou e que essa salvação nos pôs em contato, sendo ambos frutos de sua redenção.

O que é verdadeiro da amizade cristã também o é da comunidade. Ela se constrói sobre uma pedra de fundação que é Jesus, e com outras pedras, as pessoas, tiradas de suas aflições, justificadas por Ele e inseridas na construção: no fundo, pessoas tornadas cristãs.

Por Ele. Jesus não é apenas a fonte, mas também o motor e a esperança de toda comunidade cristã possível. Esse *por* deve ser gravado no coração e na vontade de toda comunidade que deseja crescer. Ela não crescerá senão *por* Ele, enxertando-se *nEle*, abandonando-se à sua ação salutar. Bonhoffer recusa toda esperança de crescimento comunitário que se baseasse na Psicologia, em esforços que não emanassem de um discernimento fiel às moções do Espírito para a comunidade, mas que encontrassem sua fonte numa preferência humana e em idéias pessoais. Então se trataria de idolatria, de construção sobre areia, derrubada pela primeira tempestade e varrida pela primeira inundação.

“NEle toda graça,
nEle toda paz,
nEle toda esperança,
nEle a salvação.”

⁵⁵ *Lamamiento a la renovación, conférence su l’Oraison, p. 38.*

⁵⁶ *Circ. Projet Communautaire, pp. 129-131.*

Para Ele. Fomos resgatados e nos tornamos um povo, não somente por Ele, mas *para Ele.* E Ele veio não para si mesmo, mas como servo, a fim de morrer pela salvação dos homens e pela glória do Pai. Toda comunidade cristã deve, pois, viver voltada num dom coletivo para Jesus, de quem se torna o corpo para que Ele faça o que quiser e onde quiser.

Eis por que insisto para que no Projeto de Vida Comunitária Jesus seja a base e o centro. ‘Sigam o caminho do amor, a exemplo de Cristo que os amou e se entregou por nós (Ef 5, 2).

Esse *para* deve exercer-se no concreto das situações, por uma atenção diária para não deixar entrar, no conteúdo do projeto, invenções humanas (mesmo que tenham para si um consenso imediato e total) em lugar da humilde submissão à vontade do Pai e à missão de Jesus.

A grande lei de uma comunidade cristã que faz um Projeto, e o cumpre dia após dia, é a lei do discernimento.

TEXTOS

1. Jesus: O que podemos chegar a ser para Deus e Deus para nós.

A incapacidade que têm muitas pessoas da nossa geração para estarem a sós, mergulhadas em profunda reflexão, para entrar em contato com os outros em profundidade humana existencial, e o refugiarem-se num encontro frívolo e banal com as coisas e as pessoas, em formas superficiais de gozo, de diversão e de ocupação do tempo (“matar o tempo”), estreitam a abertura para Deus e tornam mais ou menos difícil ou até impossível a oração.

Esse anseio do homem, essa necessidade ontológica de um diálogo em transcendência, não lutam no vácuo nem se debatem no impossível: “O específico da existência crente consiste em aceitar que de fato Deus interveio na história, revelou-se como Alguém concreto, conviveu com os homens, chamou alguns, que denominamos profetas, enviou-os ao Povo e, finalmente, revelou-se a nós em plenitude total e definitiva nesse Alguém que chamamos Jesus. Esse “Tu” sem nome, Absoluto e Infinito, revelou-se-nos como um “Eu Javé-no-meio-de-vós”, fazendo uma história convosco. Esse “Tu” Absoluto quis uma convivência, uma coexistência, escolheu um Povo, esteve tão perto dos homens, que houve um momento da história em que já não esteve perto como quem de fora convive com eles, senão que de dentro da humanidade convive com a humanidade; e esse estar Deus dentro da humanidade é o que chamamos Encarnação: Deus não só está conosco, mas é um de nós. Deus pronunciou um “Eu” de humanidade, e esse chamar os homens, de fora, tornou-se então um chamado de dentro. Jesus de Nazaré é a concretização daquilo que nós, homens, podemos chegar a ser para Deus e daquilo que Deus pode chegar a ser para os homens.

Eis, portanto, como a Palavra de Deus, o chamado de Deus, ressoou através de uma humanidade que é nossa, que é irmã nossa, que é, numa palavra, cada um de nós. (*Circ. Apelos do Concílio... pp. 598-599*).

2. É o Cristo que reza em nós

Quando um cristão reza verdadeiramente, reza conforme a religião de Jesus, isto é, conforme a religião do Espírito de Verdade (pensemos na Samaritana);

quando uma pessoa reza e que sua vida é verdadeiramente cristã, é o Cristo, primogênito do seio de Maria quem reza nela; sua oração não é senão a vida de Cristo que se exprime em palavras. “Ninguém pode dizer Jesus, senão no Espírito”, afirma São Paulo. Foi o Espírito que conduziu Jesus ao deserto para aí fazer penitência. Se procurarmos saber quais são as relações entre Jesus e o Espírito, veremos como o homem Jesus é movido pelo Espírito, e o mesmo Espírito que animou Jesus é ainda o que faz viver Jesus em nós. E quando rezamos, rezamos em duplo movimento: nossa palavra atinge o Verbo, que se faz Palavra para o Pai numa carne humana.

Em Jesus, Deus se humanizou para valer, não para rir: a Encarnação tem enormes conseqüências... Deus se fez homem, assumiu a linguagem dos homens, exprimiu-se como homem e teve de falar ao Pai como homem; em suma, é Deus que fala a Deus, partindo do homem, e é por isso que a oração é a humanização orante de Deus. (*Circ. Prática sobre A Oração*, pp. 493-494).

3. Portadores de um grande mistério

Lembro-me de um artigo escrito há alguns anos e que censurava a passividade dos que não fazem senão realizar um programa estabelecido antes deles na obediência religiosa: “Um cristão – dizia o autor – jamais será um homem positivo para o mundo, nem um motor para a história, mas sempre um homem conduzido por outros. A verdade a esse respeito encontra-se nesta palavra de um grande teólogo: “Não é por causa de sua obediência que os cristãos não foram suficientemente revolucionários, mas por terem sido muito pouco obedientes à palavra de Deus. Porque justamente a vontade de Deus os lança a um engajamento no mundo e à transformação do mundo. Sob a condição, certamente, de lutarem contra a superficialidade e a esclerose espiritual. É, pois, importante lembrar, contra certa literatura de hoje, que, em vão se procuraria em toda a história a idéia de que possa haver um motivo válido para o homem opor-se a Deus. Digam os psicólogos o que quiserem, mas a Escritura é clara: Ninguém pode se opor à vontade de Deus e dizer que tem para isso o apoio da Sagrada Escritura.

Aliás, não é este ou aquele texto que se deve pôr em relevo para justificar a obediência; é antes o conjunto dos textos. Particularmente, é toda a atitude obediente de Jesus Cristo que se destina a passar para o cristão. E a vida cristã será apenas isto: “Se ressuscitastes com Jesus Cristo, pensai nas coisas do Alto,

vivei como o Cristo”. Porque cada um carrega em si um mistério: **Jesus Cristo é eu, e eu sou Jesus Cristo**, no mais profundo sentido da palavra. (*Circ. sobre A Obediência, p. 26*).

4. O Senhor que vive em nós

Não se deve esquecer que a Vida Religiosa não senão a vida evangélica de Jesus Cristo derramada em nossos corações e trabalhada constantemente pelo Espírito Santo. E é uma alegria saber que *nenhum de nós ficará sem ter atingido essa plenitude de vida espiritual*. Ninguém ficará com uma vida espiritual embrionária, bloqueada no nível do apelo. É justamente por isso que existe o purgatório, que é uma graça pela qual é preciso bendizer o Senhor. Porque é Ele que não nos permite ficar a meio caminho nesse trabalho de transformação, de cristificação de nossa vida para nos tornar inteiramente amáveis e objetos do amor do Pai. Não simplesmente desse amor que nos tem ‘a priori’, mesmo quando somos pecadores, mas do amor que terá por nós no céu, quando tivermos atingido nossa plena estatura; quando seremos inteiramente transformados em seu Filho, quando então poderá dizer ao ver-nos; “É completamente ele”.

Portanto, a mais consoladora das verdades é que nenhum de nós chegará ao céu sem concluir sua total cristificação. Todos aqueles que, no momento da morte, não tiverem concluído essa transformação, serão purificados pelo Senhor, e seu coração será transformado até tornar-se a imagem perfeitamente resplandecente do Filho. E é uma alegria pensar que, apesar de nossas misérias, nossa pobreza e tudo, a graça do Senhor triunfará. É isso que faz do purgatório uma grande graça... Não é uma punição, mas o aperfeiçoamento do trabalho da graça...

Portanto, essa vida divina que nos é transmitida se desenvolve em nós por um dinamismo, um crescimento contínuo. Não necessariamente uma linha de crescimento perfeito, não sofrendo nenhum transtorno, nem afrouxamento nem sinuosidade, mas podemos estar seguros que essa vida cresce sem cessar em nossas almas. Eis por que nunca podemos nos permitir bancar o fariseu, dizendo: “Pronto, terminei o trabalho de minha perfeição, atingi o ideal”. Não estamos mais sob a fé antiga, em que bastava fazer alguns gestos que seriam uma espécie de aspirina, permitindo à consciência de se declarar satisfeita, dizendo: “Agora sou justo, estou em paz com Deus”.

Deus nos pede agora uma justiça evangélica que consiste em escutar e responder; em trabalhar no sentido de sua graça, que é sempre operante em nós

para a subida da vida espiritual... E como esta vida é uma vida a dois: “Ele que vive em mim, e eu que vivo nEle”, ela se torna diálogo, como toda vida de amor. Esse diálogo poderá às vezes ser mudo, porque em amor, muitas vezes os gestos são suficientes. Pode-se até chegar a se compreender e a dialogar sem gestos. (*Appel au dépassement*, retiro de 1970, Natureza dinâmica da vida evangélica em nós, pp. 1-2, Canadá).

5. Nossa lei é Jesus Cristo

A base da obediência cristã é Jesus Cristo... Essa é, em todo o caso, a consequência que São Paulo tira: Não temos necessidade de lei. Nossa lei é Jesus Cristo”... Jesus foi subtraído, pela morte e ressurreição, à condição humana ordinária; o novo estado de seu corpo o retira fisicamente da história. O homem chamado Jesus, filho de Maria, recebeu, poder-se-ia dizer, uma injeção do Verbo e depôs sua personalidade para viver a do Verbo; durante toda sua vida foi vivificado pelo Verbo. Quando depois, pela morte e ressurreição, vai perder suas condições físicas de ação na humanidade, coloca-se na necessidade de recorrer a outras naturezas humanas, outras vontades, outros pés, outras mãos, outros livres arbítrios que se queiram oferecer. “Senhor, não podes mais contar com a humanidade física de Jesus. Mas eis em mim outra humanidade integral para teu Verbo, não somente um corpo, pés, mãos, cabeça, mas o livre arbítrio, a psicologia, o coração, que te peço inundar com teu Espírito, porque quero que teu Verbo possua outros homens nos quais ele possa viver, para continuar a tarefa que começou, e levar a seu cume tua história da salvação entre os homens”.

E verdadeiramente, o mesmo Verbo que fez viver de modo divino Jesus-homem, que habitando agora em nós como em novos Cristos, quer fazer com homens obedientes os revolucionários da história. Isso é a chave da obediência cristã. E somente merecem ser sacralizados uma obediência que tenha esse sentido, um sistema, uma forma de governo, que permitam transformar essa história em realidade, porque só essa concepção da obediência é evangélica. (*Circular Sobre a Obediência*, pp. 30-31).

6. Na escola de Jesus

Jesus nos ensinou *o amor religioso*. O cristão é aquele que conseguiu dar ao amor a densidade que Jesus exige desse amor religioso. Jesus nos ensinou a grande novidade que “amar as pessoas está em equação com o amor de Deus”, supondo que amamos as pessoas com amor cristão. E inversamente, que “amar a Deus está em equação com amar as pessoas”. (Esses dois amores são os dois termos de uma equação.) De sorte que se alguém não ama as pessoas, faltará um membro da equação, e poderemos afirmar, deveremos afirmar de maneira incontestável, que o outro membro da equação também não existe. Quem diz que ama a Deus e não ama seu próximo é mentiroso...

O amor é, segundo o Evangelho, o termômetro infalível da vida cristã. Conforme a intensidade do amor, concretamente do amor para com o próximo, tal será a densidade da vida cristã. Se o amor ao próximo falta, falta o amor a Deus. Falta tudo... Inversamente: se tens amor ao próximo, provas também que amas a Deus. “Sabemos que passamos da morte à vida – diz São João – porque amamos nossos irmãos”. Ele não diz ‘porque somos batizados’, nem ‘porque rezamos bastante’ ou porque ‘empregamos a disciplina’, mas, sim, porque amamos nossos irmãos...

Essa parábola nos ensina a grande verdade que, embora sejamos protegidos por forte estrutura religiosa – a que chamamos o estado de Vida Religiosa, enriquecido de grandes valores estruturais – se nossa conduta negligencia o próximo, ela não é cristã...

O amor é universal. Que significa isso? Que se há uma pessoa que tu exclus de teu coração, o amor em ti está morto. Podes ter entendimentos, simpatias humanas, mas não o amor de Jesus Cristo. (*Bética Marista*, n.º 52, pp. 9-11, outubro de 1972).

O ESPÍRITO SANTO

Muitas citações mostraram ligação estreita entre Jesus e o Espírito Santo, entre a vida do Cristo em nós sob a ação do Espírito. É Ele que reza em nós e torna-se no coração a nova lei, a lei do amor e da liberdade. Devido a Ele é que se manifestam em nossa vida os frutos que são os seus e a acolhida das bem-aventuranças. É Ele que nos assiste nos momentos mais importantes e se torna fiador do que fazemos. Quando Basílio fala do Espírito, ele entretetece muitas verdades juntas, não apenas porque elas coexistem, mas porque se influenciam umas às outras. Assim também os começos de parágrafos são apenas para facilitar a análise.

5.1. O Espírito guia Jesus e nos faz viver a vida do Cristo

Basílio lembra aqui simplesmente o Evangelho: “É o Espírito que conduz Jesus ao deserto para aí fazer penitência. Se procurarmos quais as relações entre Jesus e o Espírito, veremos como o homem Jesus é movido pelo Espírito, e o mesmo Espírito que animou Jesus é também aquele que faz viver Jesus em nós”.⁵⁷ Isso Basílio já havia dito, quase palavra por palavra no retiro que deu aos Irmãos da Província Norte (Espanha), em 1972: “O Espírito que fez viver um homem chamado Jesus Cristo, unindo-o numa união de pessoas com o Verbo de Deus, esse mesmo Espírito que é o Espírito Santo, é aquele que nos faz viver a vida de Cristo, sua própria vida, nos faz viver a nós mesmos”.⁵⁸ Deixar o Cristo viver em nós é permitir-lhe que imprima em nós a sua imagem. Aqui também intervém o Espírito: “Uma ação do Espírito é que, dado por Deus no Cristo aos homens, Ele faz de nós filhos segundo a imagem daquele que é o Filho único e que nós nos comportamos com Ele como irmãos... Não se trata apenas de saber-se chamados por um ‘Tu’ transcendente, mas, antes, de saber-se irmãos de Jesus, configurados com Ele pelo Espírito e, com sua força, de podermos gritar:

⁵⁷ Circ. *Prática sobre a Oração*, p. 494.

⁵⁸ *Llamamiento a la renovación*, p. 7, outubro de 1972, Prov. Norte (Espanha).

‘Abba, Pai!’⁵⁹ O Espírito não somente nos une ao Senhor, mas dá-nos a inteligência de Deus, essas luzes que são também sempre fonte de alegria, porque nós nos maravilhamos que Deus seja assim: bom, genial, fiel: “Desde que o Espírito, que tudo sonda, mesmo as profundezas de Deus, aparece numa pessoa, faz-lhe conhecer os dons da graça de Deus e, unindo-se ao nosso espírito, faz-nos também ‘sentir’ que somos filhos de Deus. Há, pois, um conhecimento do mistério de Deus, mas é um conhecimento existencial, experiência pessoal e íntima, irreduzível a qualquer gnose natural. Um conhecimento de amor na fé que é participação na ciência de Deus...”.⁶⁰

5.2. O Espírito é a alma, a consciência e a luz da Igreja

Quando Basílio apresenta aos Irmãos sua reflexão sobre a Santíssima Virgem Maria, descreve os laços entre a Igreja e o Espírito Santo. Vamos encontrar o que a própria Igreja diz desses laços, mas as palavras de Basílio mostram com que clareza ele assimilou essas relações, e adivinhamos que sua vida foi iluminada por elas. O que pode já nos impressionar é a aplicação que faz a toda a Igreja daquilo que é prometido a Maria: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra” (Lc 1,35).⁶¹ A Igreja toma consciência de si mesma porque a luz do Espírito a ilumina por dentro: “Iluminada pelo Espírito, a Igreja se vê, pois, tal qual é: cheia de vida divina e encarregada de transmitir essa vida a todas as pessoas; ela é fermento de ressurreição que deve fazer levedar todo o cosmos, salvo em potência pelo sangue de Jesus”.⁶² Esse mesmo Espírito faz compreender o Cristo, sua mensagem e produz lentamente na Igreja a nova doutrina: “Os Apóstolos iriam tomar, sob a ação do Espírito Santo, uma consciência cada vez mais viva do mistério do Cristo; procurariam dizê-lo por seu testemunho, sua pregação, sua catequese e, assim colocaram os fundamentos de nossa fé e, depois, daquilo que seria a Teologia e a Tradição Dogmática da Igreja do Cristo”.⁶³ Mas o Espírito é também a alma da Igreja, a presença constante do Cristo no seu povo; Basílio

⁵⁹ Circ. de 2 de janeiro 1968: *Apelos do Concílio...*, pp. 601-602.

⁶⁰ Circ. *Um novo espaço para Maria*, pp. 325-326.

⁶¹ Circ. *Um novo espaço para Maria*, p. 372.

⁶² Circ. *Um novo espaço para Maria*, p. 373.

⁶³ Circ. *Um novo espaço para Maria*, p. 373.

tem razão de dizer que Pentecostes não é um acontecimento pontual, passado, terminado, mas que cada século terá seu Pentecostes na fidelidade ao primeiro: “Todos os séculos terão também seu Pentecostes, porque o Espírito é a alma da Igreja e o órgão vivo que lhe permite o ter sempre uma lembrança adequada do Senhor Jesus, e não faltará de lhe revelar, conforme os tempos e as circunstâncias, um aspecto novo do Rosto do Ressuscitado. É essa a Tradição viva na Igreja: esse Espírito sempre em ação, pode revelar um Jesus sempre vivo e atuante... É permitido esperar que a Revelação ganhe em luz e compreensão à medida que progride a marcha histórica dos filhos de Deus... A Igreja não é clube de arqueólogos.”⁶⁴

5.3. O Espírito ora em nós

Configurados ao Cristo pelo Espírito, terminamos rezando como Jesus ou, melhor, por sua voz, e a mais bela oração de Jesus é ‘Abba, Pai!’. “Se aprofundarmos ainda mais – diz Basílio – descobriremos que, numa palavra, a oração assim vivida não é tanto uma ação do homem quanto uma ação do Espírito no coração do crente... e do íntimo do coração podemos chamar com Ele (Jesus): ‘Abba, Pai’. De onde se conclui, portanto, que a oração já não é algo que nós criamos, mas algo que o Espírito cria em nós”.⁶⁵

Se ‘ninguém pode dizer que Jesus é Senhor, sem a ação do Espírito, é que toda invocação, toda oração, todo elã de amor vem do Espírito. A oração é, pois, um dom: “Ora, esse dom de Deus, que é a oração, tem por entrada a conversão e por desenvolvimento o amor. Esse dom vem do Espírito Santo e nenhum exercício humano pode comunicá-lo”.⁶⁶

5.4. O Espírito é nossa nova lei

O Vaticano II havia convidado todas as Congregações religiosas a se renovarem. Para o Irmão Basílio, um dos aspectos fortes dessa renovação consistia em dar ao Instituto estruturas mais evangélicas, mas que exigiam uma mudança do

⁶⁴ *Circ. Um novo espaço para Maria*, p. 374.

⁶⁵ *Circ. 2 de janeiro 1968*, p. 601.

⁶⁶ *Circ. 2 de janeiro 1968*, p. 522.

coração que devia passar da lei ao Espírito, para não ser guiado por um texto, mas pela liberdade e generosidade que o Espírito aí faz surgir constantemente. Na *Meditação em alta voz*, ele dizia aos Irmãos Provinciais: “Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade e no quadro da colegialidade, o aproveitamento leal, o desenvolvimento e a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista.

Espero que também vocês, Provinciais, saibam nos momentos de oração, perscrutar o Espírito para perceber seus impulsos... O importante é que o sopro venha do Espírito e que saibamos descobri-lo a tempo. Permito-me voltar a esse ponto, porque no dia em que a Vida Religiosa renunciar a viver do Espírito Santo para somente alimentar-se de um ‘texto que se repete’, terá renunciado não apenas à sua substância cristã, que é o caminho vivido na santa liberdade dos filhos de Deus, mas também ao seu caráter próprio no interior do povo de Deus, isto é, à sua natureza carismática”.⁶⁷

Falando da justiça legal, disse aos Irmãos: “Perdoem-me, mas há entre nós muitos Israelitas que vivem acostumados a essa espiritualidade legal. E o Cristo pregou na cruz essa justiça legal e no lugar dela pôs a si mesmo, sua imagem e o Espírito Santo, isto é, a justiça evangélica, que é dinâmica e diante da qual você jamais poderá dizer: ‘Isso basta!’. Aos Irmãos acostumados a uma espiritualidade de observância, em que tudo está prescrito, pré-fabricado, saibam, uma vez por todas, que isso não é espiritualidade cristã. É o Espírito que lhes pede mais, na paz e liberdade”.⁶⁸

Nós já o dissemos a que ponto de generosidade, de paixão, de trabalho, de atenção aos Irmãos, de apego filial ao Instituto e à Igreja a experiência do amor de Deus levou Basílio. Quando ele olha o autor de tudo isso, diz: “Compreendi que o Espírito Santo me havia marcado com um selo especial na multidão imensa dos membros da Igreja, porque havia colocado em meu coração um gosto intenso por certas realidades do Evangelho”.⁶⁹

⁶⁷ *Méditation à haute voix*, pp. 148-149, 353.

⁶⁸ *Llamamiento a la renovación*, conferência sobre a oração, dezembro de 1972.

⁶⁹ *Quemar la Vida*, p. 305 (Entrevista J.M.V., p. 162).

É ainda o Espírito que, quando encontra a disponibilidade do coração, impele para a magnanimidade que deveria ser o comportamento habitual de quem escolheu o Cristo: “Uma vida consagrada não pode ficar no nível do obrigatório e do não-obrigatório; ela é passada ao patamar do generoso e do magnânimo. Para manter-se nessa altura são precisas muitas graças. Será preciso embeber-se copiosamente da Palavra de Deus para fortalecer a fé e conservar no coração a generosidade. Em tal vida, a oração não deverá ser medida com avareza, mas copiosamente expandida. Essa vida terá o sopro que a oração lhe der”.⁷⁰

Dois perigos estão constantemente à espreita contra a liberdade que o Espírito concede: a tentação de conquistar, por seus próprios esforços, a salvação ou, ao contrário, deixar-se levar à frouxidão e dizer que Deus não pede tanto. Basílio os apresenta como a atitude dos fariseus e dos saduceus: “Dois perigos nos ameaçam: o farisaísmo legalista e formalista, e o saduceísmo liberalista... Um farisaísmo, mesmo atenuado, tende a destruir a liberdade dos filhos de Deus, ignora a ternura da paternidade divina, do amor, e torna a religião pouco amável, até mesmo repelente.

O saduceísmo, sob o pretexto de largueza de espírito, instala-se no conforto, rejeita a cruz de Cristo e, em nome da liberdade e da personalidade, reclama o direito a uma vida controlada, termina numa mediocridade naturalista que poupa habilmente seus esforços e suas ações”.⁷¹

Olhando o mundo tal como evolui longe, dos princípios cristãos, e constatando que, em muitos setores, a Vida Religiosa se deixa tomar pelo espírito do mundo, e, portanto, perde de seu “mordente”, de seu sentido, de seu valor, Basílio nos põe uma pergunta central: “Que espírito te conduziu? Nos conduziu? Continua nos conduzindo?”.⁷² E como voltar à generosidade, ao dinamismo a uma vida realmente doada, senão pela volta ao Espírito do Filho? “E o que importa fazer? Antes de tudo, abrir a comunidade ao amor do Pai, no Cristo, não vivendo apenas à base de virtudes morais, mas profundamente da Palavra de Deus e da vida de Jesus, sob o sopro do Espírito. Em outras palavras, devolver à Via Religiosa e a cada um de seus elementos essenciais, a densidade evangélica que teve no Fundador e nas origens, antes mesmo que ela se cristalice numa tradição... Uma nova regularidade é necessária, que não será menos exigente, mas mais dinâmica que a de outrora. Lembremos o que diz São Paulo aos

⁷⁰ *Circ. L'Oraison*, pp. 336-337.

⁷¹ *Circ. Les appels de l'Église e du Fondateur*, pp. 643-644.

⁷² *Circ. Projet de Vie Communautaire*, pp. 13-16.

Gálatas (5,3) que não querem compreender a lei da liberdade: ‘Atesto novamente a todo homem que se circuncidar: ele está obrigado a observar toda a lei’. Transpondo: ‘Se vocês não quiserem ir adiante, entrando seriamente no que será o projeto comunitário, então retomem a estrita observância da Regra de outrora’.

Por lamentável que seja, o movimento integrista tem, ao menos, uma coragem notável no seu retorno à ascese e à disciplina de outrora. Não é a lamentável tibieza que não se compromete com nada que se poderá opor-lhe, mas sim um fervor totalmente novo; não pessoas que dizem: ‘Deus não pede tanto’, mas pessoas que saibam que Deus pede tudo, a cada nova época. Com gente dessa têmpera, sim, poderemos visar a uma metamorfose das comunidades. Ela não se realizará num dia. Entramos nela como pioneiros, com audácia e paciência”.⁷³ O Espírito Santo está bem presente na Circular *Um novo espaço para Maria*. Nem poderia ser diferente. E Basílio faz esta observação bem apropriada “O Espírito que inspira a Palavra de Deus é o mesmo que a faz compreender e perto de quem é preciso ficar quando se trabalha com a Palavra de Deus: ... As palavras de Jesus, todos os seus atos, todos os acontecimento de sua vida são fatos místéricos, isto é, portadores de um significado que os ultrapassa e cujas testemunhas só terão a plena compreensão à luz pascal derramada mais tarde pelo Espírito Santo. É nesse mesmo Espírito que devemos abordar a Escritura, em particular os Evangelhos”.⁷⁴

5.5. Os frutos do Espírito

Quando o cristão se deixa conduzir pelo Espírito, aparecem então em sua vida os frutos do Espírito. Basílio, impelindo a Congregação para a abertura ao Espírito, aguarda entre os resultados da renovação a presença visível dos frutos do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, bondade, doçura e domínio de si: “Que os resultados tornem visíveis os frutos do Espírito Santo que demonstram a fecundidade do cristianismo no mundo”.⁷⁵ Mais adiante encontraremos páginas inteiras sobre o amor, a sabedoria que vem do Espírito, a compreensão em profundidade da consagração e de cada voto. Mas, eis aqui o que escreveu

⁷³ *Circ. Projet de Vie Communautaire*, pp. 25-27.

⁷⁴ *Ibid.* pp. 25-27.

⁷⁵ *Circ. Les appels de l'Église et du Fondateur au Chapitre*, pp. 641-642.

em sua *Circular sobre A Vida Comunitária*: “A Teologia Espiritual nos ensina que, à medida que o coração se deixa invadir pelo Espírito Santo, de um mesmo movimento, a caridade e os sentimentos do Cristo se reproduzem nele como num espelho, e então se torna possível, em graus diversos, o cumprimento do mandamento do Senhor: ‘Amai-vos uns aos outros como eu vos amei’”.⁷⁶

Basílio se pergunta como deve governar, enquanto Superior-Geral, e que prudência deve guiá-lo. Reconhece a grande diferença entre a prudência humana, uma prudência cristã média e a que vem do Espírito: “O Espírito Santo pode trazer à prudência cristã uma realização em plenitude; é o dom do Conselho, a prudência dos santos. Lá estamos num plano tão superior que as pessoas não podem compreender... É essa prudência que animou a realização de grandes obras cristãs... Ação surpreendente do Espírito Santo sobre certos membros do Corpo Místico, pondo a duras provas o raquitismo da sabedoria humana! As grandes renovações da Igreja, de Francisco de Assis a João XXIII, são abalos que suscitam nas almas sinceras uma floração de bem e de santidade, mas que escandalizam os prudentes deste mundo...”.⁷⁷

Outro domínio que Basílio explora muito é o do profetismo, no mundo de ontem e em nosso mundo de hoje. Não sente nenhuma dificuldade em afirmar que o verdadeiro profeta é filho do Espírito: “Sei que todo dom perfeito vem do Alto, do Pai das Luzes, e que a prudência cresce ao mesmo tempo que se desenvolve nossa vida no Cristo e que nosso coração se abre à ação do Espírito. É por isso que eu espero que vossa oração me obterá ao menos a terceira prudência (a do Espírito), e que o Espírito suscitará, no Conselho Geral e no Capítulo, homens cheios do dom de Conselho, capazes de realizar entre nós verdadeira ação profética, nesta época de atualização”.⁷⁸

O Espírito Santo, em Basílio, é sobretudo o responsável pela santificação, para que Cristo transpareça em nossas vidas. “Para um duplo fim nos é dado o Espírito: em primeiro lugar, para nos tornar conformes à imagem do Filho, a fim de que este seja o ‘primogênito entre uma multidão de irmãos’ (Rm 8, 29); em segundo lugar, para tornar-se a nova lei (Gl 5, 18). Esse Espírito, vivendo em nós e para nós, fazendo as vezes da Nova Lei, é mesmo a fonte de nossa liberdade (2Cor 3, 17). E foi para tal liberdade que fomos chamados (Gl 5, 1). Compreendamos bem de que liberdade se fala aqui.. O Espírito Santo é

⁷⁶ *Circ. sur la Vie Communautaire*, pp. 113, 120-121, 124, 127.

⁷⁷ *Circ. 2 de janeiro 1968*, pp. 8-9.

⁷⁸ *Circ 2 de janeiro, 1968*, p. 9.

princípio de ação, mas não orienta para uma ação qualquer. Essencialmente ele arranca-nos ao egoísmo; sua novidade consiste, pois, numa disponibilidade para servir: verdadeiro segredo da liberdade cristã”.⁷⁹ Depois, considerando o caso de Maria, Basílio conclui: “Nesse mistério de santificação, obra do Espírito, é que devemos inserir a Virgem Maria, ‘santuário do Espírito’ (LG 53). Todo cristão deve ser santuário do Espírito; Maria, porém, testemunha constantemente a Sua presença em sua vida e nos revela o que pode fazer esse Espírito num coração plenamente dócil”.⁸⁰

Os frutos do Espírito não são apenas virtudes no coração do cristão, mas também as grandes obras que daí decorrem. Quando Basílio considera os documentos do Concílio, os resultados colhidos por nosso Capítulo Geral de 1967-1968, as novas Constituições, ele reconhece que é sempre obra do Espírito, que por nós mesmos não teríamos podido jamais produzir textos tão sábios e tão santos. A propósito do Concílio, escreve:⁸¹ “O Concílio Vaticano II não é senão um eco do Espírito de Jesus Cristo em nosso tempo... É preciso reconhecer que o Vaticano II foi uma manifestação pentecostal do querer de Deus no hoje de Deus... A infidelidade ao Concílio equivale à infidelidade ao Senhor e a seu Espírito”.⁸² Ele volta sobre essa convicção algumas páginas adiante: “Vaticano II foi o vendaval do Pentecostes do século XX, vendaval tão extraordinário que ainda não chegamos a digeri-lo – temos uma indigestão do Concílio. É um pouco por isso que acontece um certo desnorteamento. Mas, uma vez feita a assimilação, virá a nova primavera...”.⁸³ Foi assim com nosso Fundador: “O espírito do Fundador que está na origem dessas atitudes é o Espírito Santo... O Fundador recebeu um ‘carisma de fundação’... Mas quem distribui os carismas para as funções? O Espírito Santo, o Espírito de Jesus... Todo fruto autêntico produzido num membro ou num órgão – instituição, corporação, etc. – e que traz os sinais do Espírito, não se deve, em última instância, à fecundidade desse membro ou desse órgão, mas ao mesmo Espírito: deste vem toda sua riqueza e sua qualidade; daqueles vem a transparência e a fidelidade... As atitudes do Fundador, pode-se afirmar que são a resultante da impulsão do Espírito e da fidelidade a esse Espírito”.⁸⁴ A Circular sobre *A*

⁷⁹ Circ. *Um novo espaço para Maria*, pp. 96.

⁸⁰ Circ. *Um novo espaço para Maria*, p. 96.

⁸¹ No capítulo sobre a Igreja, p. 79, são propostas outras citações sobre o Concílio.

⁸² *Appel au dépassement*, retiros de 1970, *Le Renouveau*, p. 2 – Canadá.

⁸³ *Appel au dépassement*, retiros de 1970, *Le Renouveau*, p. 5 – Canadá.

⁸⁴ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos da Igreja*, pp. 562-563.

Fidelidade revela o trabalho imenso do Espírito numa multidão de Irmãos, nas circunstâncias mais diversas de graça, de pecado, de dramas e de vitórias, de crise, de quedas, de reerguimentos, de feridas e beijos da graça. Basílio vê tudo como um presente do Espírito Santo: “Há uns sete anos que, pela primeira vez, me veio – *como um raio de luz* – a *intuição* deste livro. Ao redor dessa intuição aglutinou-se uma montanha de confidências emocionantes que eu tinha recebido e recebia. E meu coração se maravilhava diante de todas essas formas de fidelidade e perseverança em nossa Congregação”.⁸⁵ É bem assim que o Espírito trabalha. Basílio, ele mesmo atento aos impulsos do Espírito, quer orientar mais a Congregação para os pobres e para as missões. Esses serão dois pontos importantes no seu governo. Aos que ficam insensíveis a essas duas urgências, ele diz: “Se não se sente isso e se não se queima de uma chama interior, todos os conselhos e apelos cairão no vazio... nada se realiza se o Espírito não queima no interior”.⁸⁶

Muito ainda poderia ser dito sobre o Espírito Santo, porque na vida, na fé e nos escritos de Basílio, ele é uma presença constante. O risco é pecar por abundância. Ele não tem nenhuma reflexão específica sobre o Espírito Santo,⁸⁷ mas encontramos uma emergência freqüente como a manifestação da alma que faz viver. Ele é o Paráclito que o conduz e que ele invoca. Ele está sempre presente quando Jesus está presente, a ponto de se poder atribuir aos dois características e atividades semelhantes. Poderíamos dizer que Jesus é o ser amado, ao passo que o Espírito é o fogo desse amor no coração de Basílio.

⁸⁵ Circular *A Fidelidade*, p. 11.

⁸⁶ Circ. 2 de janeiro 1968, *Os apelos da Igreja*, p. 578.

⁸⁷ Ele lhe consagra 11 páginas na Circ. *Um novo espaço para Maria*, pp. 90 a 101.

TEXTOS

1. É o Espírito que reza em nós

Na oração o homem não está sozinho para um exercício de ginástica mental... Não é algo que nós criamos, mas algo que o Espírito cria em nós. Não é uma ação do homem, mas são os gemidos do Espírito que sopra em nós e que, sem sabermos de onde vêm nem para onde vão, nós recolhemos. Por isso, por Ele e nEle somente podemos atrever-nos a chamar a esse ‘Tu’ absoluto que antes designávamos com a palavra inefável e única: Abba, Pai. Quer dizer, confraternizando com o único que é Filho, com Aquele que esgota a paternidade do Pai, com Jesus, configurados pelo Espírito de Jesus, podemos invocar e clamar: Abba, Pai, do íntimo do nosso coração...

Pedir o exercício e a prática da oração não é mais do que pedir a congruência com a mais profunda dimensão da natureza humana e do ser cristão nascido no plano e pelo plano salvífico de Deus. Recusar essa oração é manifestar a incongruência consigo mesmo e a debilidade duma vida cristã ou, pior ainda, reduzir o cristianismo a um humanismo horizontal. Voltamos ao mesmo: os meios e as fórmulas podem mudar, inclusive notavelmente – e sobre isso decidirá a Assembléia Capitular; *porém o que não pode desaparecer é essa seriedade e profundidade duma vida de oração*, que é necessidade de expressão, prova de vida interior e de madura personalidade.

(Circular de 2-1-1968: Apelos do Concílio ao nosso Capítulo Especial, pp. 601-602.)

2. Tudo depende de quem toca o violino

Quando uma alma de boa vontade, procurando sinceramente o amor do Senhor, pede a Deus que a purifique, sua oração não é uma farsa. Mais ainda, se essa alma, depois de ter feito tudo quanto podia, se dá conta de que não pode realmente atingir o nível ao qual sente que o Senhor a chama, ela pode com toda a confiança dizer: “Senhor, não consigo. Faze tu mesmo essa purificação porque preciso de tua ação para me tornar um pouco menos indigno de teu amor” ... Essa alma será colocada sob o sopro direto dos dons do Espírito Santo; todos os autores de Teologia Espiritual reconhecem a enorme diferença que existe numa alma que trabalha em cooperação com a graça de Deus. Virá o dia em que

essa alma, que percorreu o rude caminho das virtudes cristãs, será inundada por Deus com os dons do Espírito Santo, que entrará em sua intimidade, transformando-a por sua ação. É o momento da santidade.

Compreenderão por uma imagem bem simples. Quando o grande biólogo espanhol Salazar, que também era compositor e violinista, foi ao México, tocou diante do grande edifício da Loteria Nacional. Ora, um indiano colocou-se pertinho, com o fim de vender violinos feitos por ele. Esses instrumentos eram rústicos, primitivos. Então Salazar, passando perto, parou para olhar. Perguntou ao indiano se lhe permitia tocar com um de seus violinos. O indiano aceitou de bom gardo e lhe apresentou o violino. Então o artista começou a tocar com esse instrumento sem valor. Era muito lindo, e o indiano ficou embasbacado vendo o que um artista de fama mundial podia fazer com seu pobre violino. No fim, Salazar perguntou-lhe: “Quanto custa seu violino?” A resposta foi maravilhosa: “Para o senhor, nada, eu lho dou”.

É exatamente o que se passa na vida espiritual. Somos miseráveis violinos tocados por pobres diabos e, naturalmente, a melodia nada tem de agradável. Existe o amor, a generosidade e tudo, mas é totalmente imperfeito. Não podemos estar satisfeitos.

3. Tudo depende de quem toca o violino (continuação)

Mas se um violinista de grande talento, o Espírito Santo, põe mãos à obra e se põe a tocar um concerto para o bom Deus, é completamente diferente. Então é o Espírito que se encarrega de rezar, de agir, de trabalhar nossa vida. Creiam-me, mesmo que existisse na alma um grau de generosidade, de oração, de fervor realmente notável, a invasão do Espírito nessa alma produziria algo totalmente novo. O evangelho então se ilumina do interior, torna-se transparente. Cada palavra do evangelho lhe diz uma porção de coisas; coisas que jamais conseguira compreender. Páginas e mais páginas do evangelho permaneciam obscuras aos olhos do seu coração. Então a alma se dá conta da pobreza em que se arrastara até o momento. Sua pureza era realmente uma pobre pureza, diante dos horizontes que o Espírito Santo lhe faz descobrir. Compreende que aquilo que chamava generosidade, fidelidade, obediência, humildade, amor, tudo isso eram apenas tentativas na vida cristã, ao lado da enorme ação do Espírito no coração. E sobretudo ela nota que a maneira e a linguagem que empregava com o Senhor eram realmente miseráveis; ela se pergunta como pôde sujar a face de Deus com

um tipo de oração tão ridículo assim, agora que descobre como o Espírito, por sua boca, reza no seu coração.

Caríssimos Irmãos, não somos chamados a ser pobres homens que permanecem no nível da infra-estrutura de uma vida cristã, que passa anos e meses bloqueada pelo pecado. Não, o Senhor nos chama a subir mais alto, a nos ultrapassar, a caminhar na generosidade, na autenticidade, na fidelidade, para que um dia o Espírito nos inunde para que nossa vida espiritual possa arrancar...

À medida que nossa vida vai se entardecendo e que o tempo passa, é preciso encorajar-se e saber que o amor de Deus sempre pronto e delicado, nos aguarda...

4. Sob a luz do Espírito

As almas de alta espiritualidade são profundamente humildes.

Elas têm uma consciência muito real do pecado. Quando pessoas, realmente penetradas pelo Espírito, dizem que são pecadoras, não é para fingir, não são artifícios exteriores, mas é convicção íntima. Quando, devido à proximidade do Espírito de Deus, vemos as coisas na óptica divina, sobretudo o interior de sua alma, os olhos descobrem que todo esse mundo de pecado que antes estava em nós, infelizmente ainda se encontra lá, no interior da alma, não em ato, porque o pecado desapareceu da vida, mas em potência. Explico-me: vê-se, no interior de seu coração e nos damos conta que o orgulho lá está, muito sutil, mas no fundo está aí. Ele não age, porque o amor de Deus é tudo, estamos mergulhados nele. Esse amor de Deus impede pela força de sua graça que esse orgulho entre em função. Mas tudo isso não impede que nos conscientizemos da presença do orgulho em nós e nos conscientizemos também de que nossa sinceridade não é totalmente inteira. Nos momentos de profunda sinceridade somos obrigados a confessar que, às vezes, nos auto-sugestionamos, procuramos justificar certas faltas de sinceridade, etc. Há, bem no fundo do coração humano, a insinceridade que dorme e que pode acordar na primeira oportunidade. Também nos damos conta de que, no fundo do coração, continuamos a amar certas coisas impuras, sem contudo passar aos atos. É sempre o amor de Deus que nos envolve e nos preserva. E nos dizemos: “Tal pessoa comete faltas; eu não as cometo...”. Mas ao mesmo tempo experimentamos que as tendências

más que existiam em nós mesmos há muitos anos, quando começamos a luta de nossa purificação, estão sempre presentes. Sentimos que o amor humano – não

no sentido desse amor que está na natureza humana e que é um dom de Deus, mas no sentido do pecado em potência, no sentido de nossos pensamentos, de nosso egoísmo, de nossa falta de sinceridade – sempre permanece em nós.

Então produz-se no coração um sofrimento muito profundo, porque o amor de Deus que nos invadiu faz com que tudo o que não é evangélico em nossa vida e até o fundo de nosso coração, nos faça sofrer muito. A Redenção ainda não foi realizada em profundidade. Ela alcançou a periferia, limpou nossas armas, nossas hábitos, mas ainda não atingiu a profundidade de nosso eu.. Ao mesmo tempo, percebemos que esse egoísmo, essa mentira que ainda se acha em nós, aí se encontra apesar de nós: porque sofremos por isso, tendo feito tudo o que podíamos para nos purificar.”

(Cf. *Appel au Dépassement*, retiros de 1970, *La montée de la vie spirituelle*, n. 8, pp. 8-9, Canadá.)



ÍNDICE

| | |
|--|----------------|
| 1 Um antegosto | 3 - 8 |
| 2 Uma experiência que muda tudo | 9 - 15 |
| 2.1. Uma vida promissora, mas não orientada | 9 |
| 2.2. A reviravolta da graça | 10 |
| 2.3. A graça impele ao compromisso | 11 |
| 2.4. Uma influência mais forte de Deus | 12 |
| 2.5. A vida nada mais é que dom | 13 |
| 3 Quem é o Deus de Basílio? | 16 - 23 |
| 3.1. Deus percebido como pessoa | 16 |
| 3.2. Deus é amor | 17 |
| 3.3. Deus é Pai | 19 |
| Textos | 21 |
| 4 Quem é Jesus para Basílio? | 24 - 35 |
| 4.1. Jesus: o que podemos chegar a ser para Deus e Deus para nós | 24 |
| 4.2. Jesus, o beijo de amor do Pai | 25 |
| 4.3. Jesus e nós somos um | 26 |
| 4.4. Jesus, nossa regra de vida | 27 |
| 4.5. A comunidade voltada para o Cristo | 29 |
| Textos | 31 |
| 5 O Espírito Santo | 36 - 48 |
| 5.1. O Espírito guia Jesus e nos faz viver a vida do Cristo | 36 |
| 5.2. O Espírito é a alma, a consciência e a luz da Igreja | 37 |
| 5.3. O Espírito ora em nós | 38 |
| 5.4. O Espírito é nossa nova lei | 38 |
| 5.5. Os frutos do Espírito | 41 |
| Textos | 45 |

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

1924 – 14 de outubro: o Irmão Basílio Rueda Guzmán nasce em Acatlán de Juez, México.

1942 – Ele entra no Juvenato dos Irmãos Maristas em Tlalpán. Emite os seus primeiros votos em 8 de dezembro de 1944 e faz sua profissão perpétua em 1.º de janeiro de 1950.

1960-1964 – É membro da Equipe do Padre Ricardo Lombardi no movimento “Mundo Melhor” e será responsável do Equador. Suas conferências e retiros aos auditórios mais diversos – operários, políticos, gente de igreja e pessoas consagradas – são apreciados. Ele sulca também os países vizinhos: Colômbia, Venezuela, Chile... Isso lhe dá a ocasião de abordar problemas nacionais, internacionais, políticos, econômicos, religiosos e transmitir na sua equipe e nos seus auditórios as idéias do Vaticano II.

1965-1967 – É nomeado Diretor do Segundo Noviciado em Espanha, no Escorial. Os cursos são renovados através de aportes modernos, por mais humanidade, melhor concentração sobre o Evangelho, abertura aos apelos do Concílio e aos problemas do mundo.

1967 – Em 24 de setembro, é eleito Superior-Geral, cargo que ocupará durante 18 anos, porque foi reeleito em 1976. Foi uma grande chance para o Instituto de ter na frente um homem intelectualmente muito dotado e muito aberto, com forte experiência internacional. A renovação que a Igreja do Concílio pedia às Congregações encontrará nele um artífice excepcional.

Ele mesmo toma conta da animação pastoral do Instituto: visitas às comunidades e Províncias, pois viagens, e muito tempo ocupado em atender os Irmãos ou a escrever-lhes.

1985 – Voltando ao México, será Mestre de Noviços da Província do México Central e animador da Família Marista.

1990 – É solicitado para assumir a direção dum curso de 18 meses para os Formadores do Instituto, em Oasi, junto ao lago Albano (Roma).

1991-1996 – Retorna às funções de Mestre de Noviços, para as duas Províncias mexicanas que uniram seu noviciado.

1996 – Em 21 de janeiro entra na Páscoa definitiva pela volta ao Pai.

Autor

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

Tradução

Salvador Durante - fms

Original: *Cahier 1: La grâce, Dieu, Jésus, l'Esprit* – Março 2003

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: publica@fms.it e gbigoitto@fms.it

Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

Impresso na Itália